Fundado em 1864, o seu Arquivo é Tesouro Nacional

Diário de Notícias

www.dn.pt / Segunda-feira 22.7.2024 / Diário / Ano 160.º / N.º 56 704 / € 1,50 / Direção interina **Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos)**

BRENDAN SMIALOWSKI / AFP

EUA

JOE BIDEN CEDE E APOIA CANDIDATURA DE KAMALA HARRIS

PÁGS. 4-5

TÉNIS

Nuno Borges bate Nadal e vence primeiro Torneio ATP PÁG. 23

QUESTIONÁRIO DE PROUST DO CHATGPT

LUÍS FILIPE BORGES

ARGUMENTISTA, COMEDIANTE, PRODUTOR

"Se fosse invisível revirava todas as gavetas nas casas de Sócrates. Perdão, do amigo dele" PÁG. 13

HOSPITAIS SANTA MARIA E PULIDO VALENTE

RECORDE DE CIRURGIAS DOS ÚLTIMOS 15 ANOS E ONCOLOGIA SEM LISTA DE ESPERA

BALANÇO Unidade Local de Saúde Santa Maria realizou nos primeiros seis meses do ano mais de 19 mil cirurgias, mas aumentou também o número de consultas, de exames e até as receitas face às despesas. A 1 de agosto, o Santa Maria abre a nova Urgência de Ginecologia e Obstetrícia. PÁGS. 8-9

António Comprido

SECRETÁRIO-GERAL DA EPCOL

"Sem as petrolíferas dificilmente se fará a transição energética" PÁGS. 18-19

Albuquerque avisa Governo

"Tem de servir os interesses" da Madeira se quer contar com a região PÁG. 6

Livros premiados

Violência familiar em dois romances PÁG. 26

Editorial

Bruno Contreiras Mateus
Diretor interino do Diário de Notícias

Kamala Harris, a antítese de Trump

Talvez a desistência de Joe Biden da candidatura às eleições norte-americanas deste ano tenha menor risco para o Partido Democrata do que o risco de o presidente se manter na corrida para um segundo mandato, ainda que o partido saia bastante fragilizado com esta decisão. Mas mais importante agora do que a desistência, após o desgaste e pressão sofrida por Biden – de 30 membros do Congresso, pelo menos, e até de Barack Obama –, é saber quem vai avançar pelos democratas contra o regresso de Donald Trump à presidência dos EUA.

Na rede social X, logo após o anúncio – "desistir é do interesse do partido e do país" –, o presidente norte-americano manifestou apoio à candidatura da vice-presidente, a mulher que ocupou o mais alto cargo no país até agora: "A minha primeira decisão, após ter sido nomeado pelo partido em 2020, foi escolher Kamala Harris como minha vice-presidente. E tem sido do melhor" – elogiou. Trump reagiu logo de seguida, com os insultos habituais a Biden, e a atacar a sua possível nova adversária: "Kamala Harris é mais fácil de derrotar."

Mas quem é Kamala Harris? Sondagens do Partido Democrata davam-lhe há algum tempo até uma vantagem no confronto com Donald Trump, face a Joe Biden, mas nada de verdadeiramente significativo. A confirmar-se que será esta a escolha, qual vai ser a mensagem que Kamala Harris irá transmitir aos norte-americanos para o futuro – pairando sobre ela o fantasma do falhanço no dossiê da imigração – e como irá ela caracterizar-se perante o eleitorado, podendo tornar-se na primeira mulher à frente da presidência dos EUA se conseguir derrotar o conservadorismo da sociedade norte-americana?

(Antevendo-se, desde já, que a postura machista e anti-imigração de Trump o irá levar a aumentar insultos contra Kamala, mulher e filha de imigrantes, de mãe indiana e pai jamaicano – a antítese de Trump.)

Kamala Harris está longe de ser popular e de recolher a totalidade do apoio do Partido Democrata enquanto candidata

A confirmar-se que será esta a escolha, qual vai ser a mensagem que Kamala Harris irá transmitir aos norte-americanos para o futuro – pairando sobre ela o fantasma do falhanço no dossiê da imigração – e como irá ela caracterizar-se perante o eleitorado?"

eleitoral, daí que as próximas semanas sejam cruciais para perceber quem poderá galvanizar os democratas no desígnio de defrontar Trump – o tempo é curto, mas em quatro meses muita coisa poderá acontecer nesta eleição, que ganha aqui uma reviravolta.

Após a tentativa de assassinato, o candidato republicano estava três pontos à frente de Biden, que insistiu sempre que não desistiria. Voltar atrás nesta decisão, deixa agora uma indefinição que instala o caos.

Mas há uma outra questão que se coloca a partir daqui: quem vai governar os EUA até final do mandato agora que o presidente será substituído enquanto candidato eleitoral? Creio que neste aspeto, o apoio imediato de Joe Biden a Kamala Harris pode ser também uma forma de o presidente tentar gerir esta crise da maneira que menor instabilidade possa trazer à governação nos próximos meses, colocando o país à frente do partido.

OS NÚMEROS DO DIA

99,3

POR CENTO DOS VOTOS
O presidente do PSD/Açores, José Manuel Bolieiro, foi reeleito para um terceiro mandato na liderança dos sociais-democratas açorianos com esta percentagem, numa eleição em que foi o único candidato.

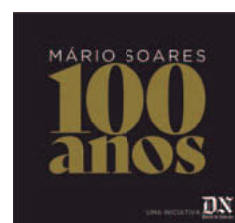
43

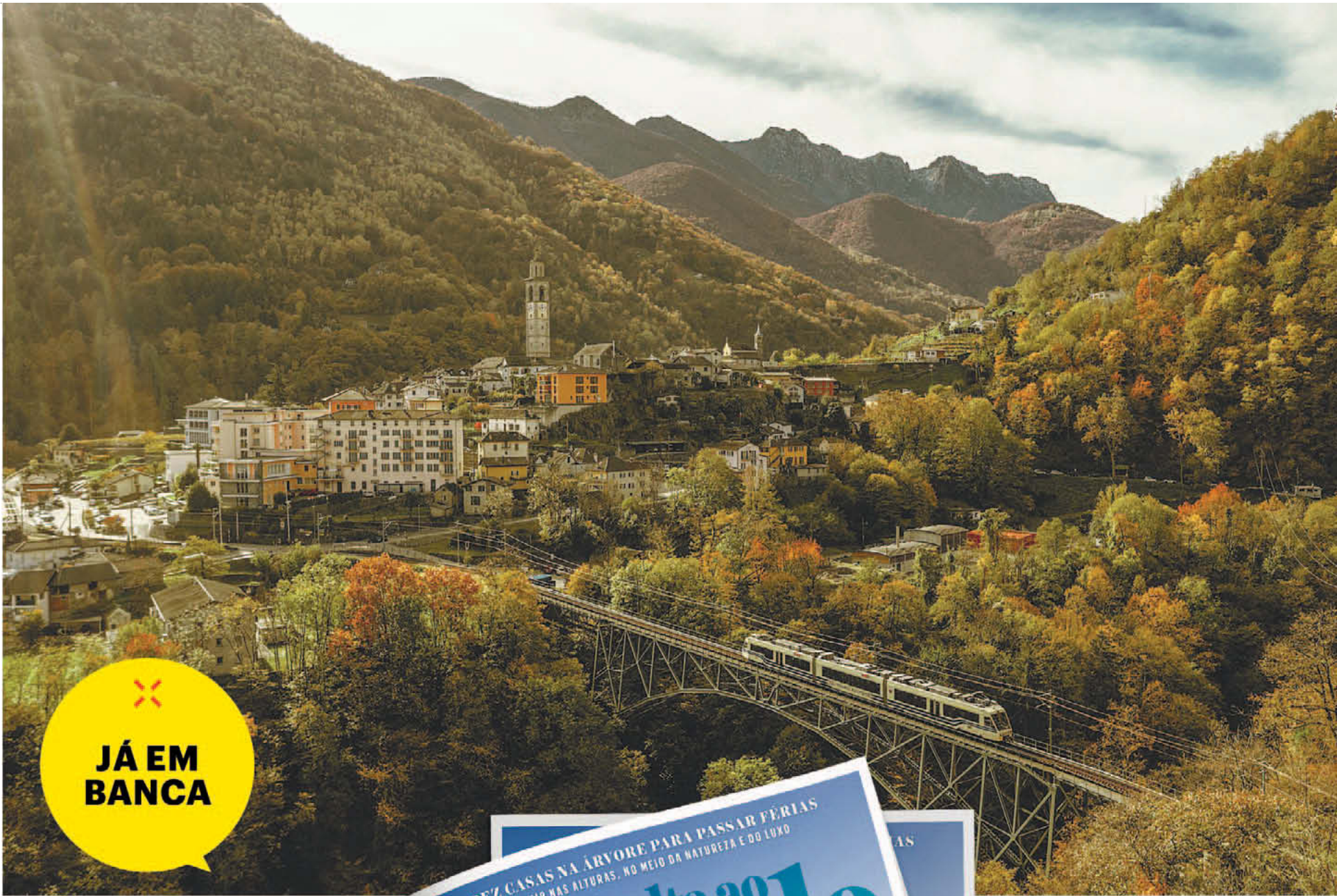
DETIDOS
e três polícias ficaram feridos no sábado, na sequência de uma manifestação organizada por um grupo de extrema-direita, que entrou em confronto com uma contramanifestação, em Viena, afirmou ontem o Governo austríaco.

991

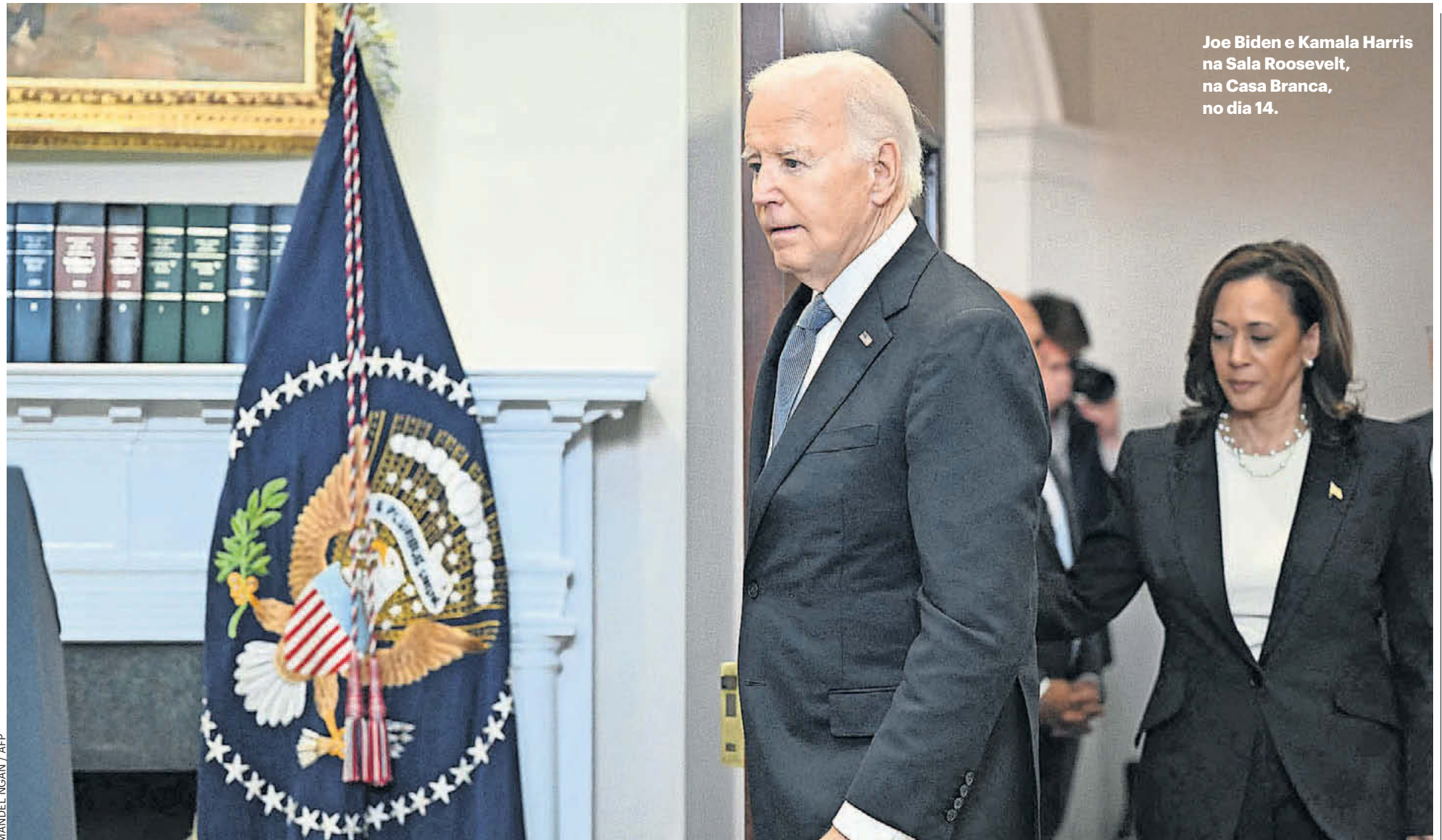
MILHÕES DE EUROS
O saldo da balança comercial entre Angola e Portugal melhorou 24% no ano passado, para este valor, o mais alto dos últimos seis anos, nos quais tem sido sempre favorável a Portugal, revelou ontem o INE.

63

ATAQUES
O Governo de Gaza, liderado pelo movimento islamita Hamas, acusou ontem o Exército israelita de ter realizado este número de ataques em sete dias contra o campo de refugiados de Nuseirat, no centro do território, matando 91 pessoas e ferindo outras 251.

22.7.2024

Direção interina: Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Diretor de arte** Rui Leitão **Diretor adjunto de arte** Vítor Higgs **Editores executivos** Carlos Ferro, Helena Tecedeiro, Pedro Sequeira **Editor executivo adjunto** Artur Cassiano **Grandes repórteres** Ana Mafalda Inácio, Fernanda Câncio e Leonardo Ralha **Editores** Sofia Fonseca, Carlos Nogueira, Ricardo Simões Ferreira, Rui Frias, Filipe Gil e Nuno Fernandes **Redatores** Amanda Lima, Ana Meireles, César Avó, David Pereira, Isabel Laranjo, Isaura Almeida, Mariana de Melo Gonçalves, Rui Miguel Godinho, Susete Henriques, Susana Salvador e Vítor Moita Cordeiro **Revisão** Adelaide Cabral **Arte** Eva Almeida (coordenadora), Fernando Almeida, João Coelho **Digitalização** Nuno Espada **Dinheiro Vivo** Bruno Contreiras Mateus (Diretor) **Evasões** Pedro Lucas (coordenação) **Notícias Magazine** Inês Cardoso (Diretora) **Conselho de Redação** Ana Meireles, César Avó, Fernanda Câncio e Sofia Fonseca **Secretaria de redação** Carla Lopes (coordenadora) e Susana Rocha Alves **E-mail geral da redação** dnot@dn.pt **E-mail geral da publicidade** dnpub@dn.pt **Contactos** RuaTomás da Fonseca, Torre E, 5.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 515; Rua de Gonçalo Cristóvão, 195, 5.º – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100; Rua João Machado, 19, 2.ºA – 3000-226 Coimbra. Tel.: Redação: 961 663 378; Publicidade: 969 105 615. Estatuto editorial disponível em www.dn.pt. Tiragem média de Fevereiro 2024: 6 084 exps.

Joe Biden e Kamala Harris na Sala Roosevelt, na Casa Branca, no dia 14.

MANDEL NGAN / AFP

EUA

Joe Biden cede e apoia candidatura de Kamala Harris

CAMPANHA Com o presidente a anunciar que rejeita a nomeação como candidato democrata à reeleição, a política norte-americana vive mais um episódio de drama. Biden e casal Clinton dão o aval à vice-presidente, mas a escolha só acontecerá dentro de um mês.

TEXTO **CÉSAR AVÓ**

Em menos de um mês, o panorama político norte-americano deu muitas voltas, e todas consolidaram a caminhada de Donald Trump para as Eleições Presidenciais. O desastroso debate de 27 de junho de Joe Biden com o homem que se tornou famoso para os norte-americanos como jurado de um *reality show* foi o primeiro capítulo de um *thriller* inacabado, mas que teve como episódios seguintes as decisões dos tribunais que varreram para debaixo do tapete os processos criminais e, inclusive, concederam imunidade aos atos oficiais do ex-presidente; e sobretudo a tentativa de assassínio a Trump, ocorrida no dia 13, que funcionou como um poderoso catalisador e elemento transformador da sua imagem – de "uma ameaça para a democracia", segundo os democratas (e não só), para um quase mártir da democracia, como o próprio candidato republicano afirmou no comício de sábado à noite: "Na semana passada fui baleado pela democracia." Perante a "beatificação monstruosa" de Donald Trump, como descreve a historiadora francesa Sylvie Laurent no *Libération*, as sondagens e a crescente pressão, entre senadores e representantes democratas, para dar o seu lugar a outro candidato, o presidente norte-americano acabou por anunciar a desistência da corrida à reeleição, tendo ainda dado o seu apoio à vice-presidente Kamala Harris para concorrer pelo campo democrata.

"Foi a maior honra da minha vida servir como vosso presidente. E embora tenha sido minha intenção tentar a reeleição, acredito que é do melhor interesse do meu partido e do país que eu me retire e me concentre apenas no cumprimento dos meus deveres como presidente durante o resto do meu mandato", escreveu Joe Biden numa carta aos cidadãos.

O presidente de 81 anos, a recuperar de covid na sua casa da praia no Estado de Delaware, agradeceu a todos os que trabalharam para a sua reeleição, e em especial a Kamala Harris, "uma parceira extraordinária".

Mais tarde, noutra mensagem, Biden informou sobre quem pre-

fere suceder na candidatura. "A minha primeira decisão como candidato do partido em 2020 foi escolher Kamala Harris como minha vice-presidente. E tem sido a melhor decisão que tomei. Hoje quero oferecer o meu total apoio e aval a Kamala para ser a candidata do nosso partido este ano. Democratas, é altura de nos unirmos e derrotarmos Trump."

Com estes anúncios, o presidente pôs fim a uma guerra fratricida que estava a consumir o Partido Democrata. Pouco antes, o senador Joe Manchin juntara a sua voz a mais de 35 congressistas que vinham a pedir a decisão que Biden acabou por tomar, mas outros, como o representante Jim Clyburn, defendiam a sua continuidade na corrida.

Entre as reações mais imediatas do campo democrata, destaque para a do casal Clinton. O ex-presidente Bill e a ex-secretária de Estado Hillary agradeceram a Biden "por tudo o que alcançou" no mandato que ainda não terminou. "Tirou os Estados Unidos de uma pandemia sem precedentes, criou milhões de novos empregos, reconstruiu uma economia abalada, fortaleceu a nossa democracia e restaurou a nossa posição no mundo." O casal Clinton – odiado pelos apoiantes de Trump – deram também o seu apoio à vice-presidente. "Agora é o momento de apoiar Kamala Harris e lutar com tudo o que temos para a eleger".

Face a este endosso, a própria não perdeu tempo e, horas depois, viria a anunciar a sua candidatura num comunicado enviado à imprensa. "Sinto-me honrada por ter o apoio do presidente e é minha intenção vencer as eleições com esta nomeação", afirmou.

Do lado republicano, o presidente da Câmara dos Representantes, Mike Johnson, apelou para que Biden se demita da Casa Branca. "Se Joe Biden não está apto a concorrer à presidência, não está apto a exercer o cargo de presidente. Ele deve renunciar ao cargo imediatamente."

O homem que já não irá tê-lo como adversário nas urnas também pôs em causa as capacidades de Biden para desempenhar as suas funções presidenciais. O ex-presidente Donald Trump publicou na sua rede social Truth Social que o "corrupto Joe Biden não estava apto a concorrer à presidência" e que também não está para terminar o mandato. "Todos os que o rodeavam, incluindo o seu médico e os meios de comunicação social, sabiam que ele não era capaz de ser presidente, e não o era".

cesar.avo@dn.pt

Vice-presidente parte em vantagem para a convenção, mas ainda não foi coroada

NOMEAÇÃO Kamala Harris parte com apoios de peso e muitos milhões para a campanha eleitoral.

Joe Biden, que não enfrentou séria concorrência nas primárias do Partido Democrata, recolheu cerca de 14,5 milhões de votos e a quase totalidade dos 4700 delegados. Estes iam nomear o candidato do partido na convenção marcada para entre os dias 19 a 22 de agosto, em Chicago, ou seja, o presidente. Apesar de Biden endossar o apoio a Harris, os votos dos delegados não são transferíveis, pelo que a escolha terá de ser feita a partir da estaca zero.

Kamala Harris não recebeu apenas o apoio de Joe Biden, de Bill e Hillary Clinton, de oito senadores e de outros tantos representantes na hora seguinte ao anúncio da sua candidatura: herdou uma equipa e 96 milhões de dólares da campanha e 240 milhões de dólares de comités de campanha aliados.

Mas não é líquido que a antiga procuradora da Califórnia venha a ser nomeada candidata sem concorrência. É de crer que, dada a desistência do homem que ia ser nomeado, o processo seja aberto a quem queira apresentar-se como candidato. A escolha do candidato a vice-presidente será feita em separado.

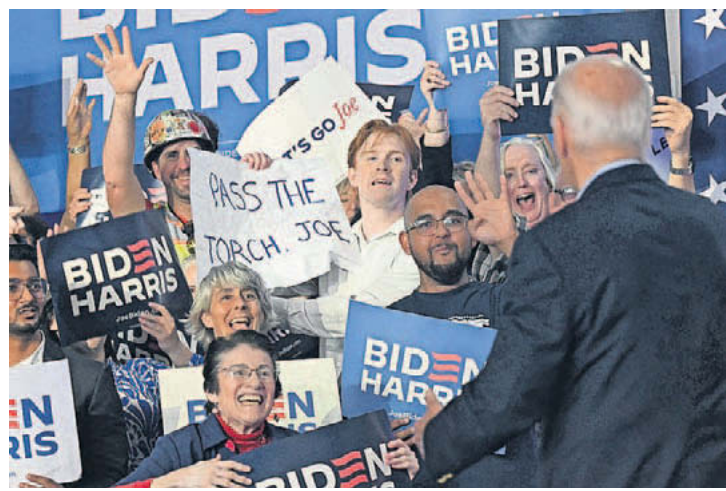
O presidente do Comité Nacional Democrata, Jaime Harrison, emitiu um comunicado, sem grandes pormenores, mas no qual prometeu que haverá "um processo transparente e ordenado" por parte da organização da convenção. "O trabalho que temos de fazer agora, embora sem precedentes, é claro", disse Harrison. "Nos próximos dias, o partido vai empreender um processo transparente e ordenado para avançar como um Partido Democrata unido com um candidato que pode derrotar Donald Trump em novembro."

"Em breve, o povo americano ouvirá do Partido Democrata os próximos passos e o caminho a seguir para o processo de nomeação.

Os governadores J.B. Pritzker, de Illinois, Gretchen Whitmer, do Michigan, Laura Healy, do Kansas, Andy Beshear, do Kentucky, e Tim Walz, do Minnesota, estão entre os democratas que elogiaram Biden, mas não seguiram o exemplo do presidente e não declararam apoio a Kamala Harris.

Também Barack Obama, após elogiar a decisão e o percurso de Joe Biden, omitiu a vice-presidente, afirmando apenas estar confiante na capacidade do Partido Democrata para selecionar um "excelente candidato" durante a convenção.

C.A.

SAUL LOEB / AFP

"Passa o testemunho, Joe", lê-se num cartaz num evento com Biden.

Os potenciais sucessores de Joe Biden na corrida à Casa Branca

Kamala Harris
A, até agora, vice-presidente de Joe Biden só iria suceder-lhe em caso de morte ou incapacidade. 59 anos, filha de pai jamaicano e mãe indiana, foi a primeira mulher e a primeira pessoa negra a tornar-se procuradora-geral da Califórnia. Tem sido criticada pela ala progressista pelas penas severas que defende para crimes menores, que afetaram principalmente as minorias.

Gavin Newsom
O democrata, de 56 anos lidera há cinco anos a Califórnia, o Estado com mais população, que transformou num santuário para o direito ao aborto. Tem publicitado ostensivamente as suas ambições a curto prazo: nos últimos meses, visitou outros países, autoelogiou a sua carreira e investiu milhões de dólares num Comité de Ação Política que alimentou especulações de que poderia concorrer em 2028 à Casa Branca.

Gretchen Whitmer
Tem 52 anos e governa o Estado do Michigan, com três tipos de eleitores que os democratas tentam seduzir: operários, afro-americanos e árabes. Opositora ferrenha de Donald Trump, já afastou qualquer pretensão de concorrer à Casa Branca. É conhecida por ter sido vítima de um plano para a raptar, conduzido pela extrema-direita. O estado que governa vai ser um dos mais disputados nas Eleições Presidenciais de novembro, o que seria um forte argumento para suceder a Biden.

Joe Shapiro
Com 51 anos, o governador da Pensilvânia, Josh Shapiro, lidera o maior *swing state*, ou "estado pêndulo" – aquele que pode inclinar-se para um partido ou outro, dependendo dos candidatos. Antes de assumir o cargo, em 2022, derrotando um rival da extrema-direita apoiado por Donald Trump, Joe Shapiro foi eleito duas vezes procurador-geral da Pensilvânia e denunciou as agressões sexuais cometidas por padres católicos contra milhares de crianças.

Os outros potenciais sucessores de Biden
Nas lides da política norte-americana, no que diz respeito a fortes candidatos à sucessão de Joe Biden, circulam os nomes dos governadores do Estado do Illinois, J.B. Pritzker. De igual modo, do Estado de Maryland, Wes Moore, e Andy Beshear, do Kentucky, mas com possibilidades mais limitadas. Também são apontados os nomes da senadora Amy Klobuchar e do secretário dos Transportes, Pete Buttigieg, ambos ex-candidatos presidenciais em 2020.

A Festa do Chão da Lagoa decorreu ontem, no Funchal, com Miguel Albuquerque como figura central.

HOMEM DE GOUVEIA / LUSA

Albuquerque avisa Governo: "Tem de servir os interesses" da Madeira se quer contar com a região

SINTONIA O secretário-geral do PSD, Hugo Soares, substituiu Luís Montenegro na Festa do Chão da Lagoa e garantiu que o líder do partido tem uma relação "pessoal e de amizade" com a estrutura da Madeira, "com os seus dirigentes e com o Miguel Albuquerque".

TEXTO **VÍTOR MOITA CORDEIRO**

O presidente do Governo Regional da Madeira, Miguel Albuquerque, deixou ontem vários avisos à figura ausente mais marcante da Festa do Chão da Lagoa: o primeiro-ministro, Luís Montenegro, que, a meio da semana passada, cancelou por motivos de saúde todos os seus compromissos oficiais, até ontem. "Nós sabemos, aqui na Madeira, que ele pode contar com a Madeira, mas ele também sabe que, para contar com a Madeira, o Governo Nacional tem de servir os interesses da nossa região", advertiu Miguel Albuquerque, dirigindo-se a Montenegro.

O líder do Governo madeirense falava a militantes e membros da estrutura regional do PSD, entre milhares de pessoas, que se encontravam no maior evento partidário da Madeira, tal como foi considerado em 2015 pelo ex-presidente social-democrata, Rui Rio. Mas as palavras também foram pensadas na delegação nacional do PSD, encabeçada pelo secretário-geral do partido, Hugo Soares, que substituiu Luís Montenegro naquele planalto no Funchal.

Na chegada à festa, Hugo Soares foi questionado pelos jornalistas sobre se, caso não estivesse doente, o líder do PSD iria à Madeira. A resposta foi afirmativa.

"Tivemos de cancelar por força, precisamente, da doença que o atacou", justificou. E foi mais longe.

"Miguel Albuquerque é presidente do Congresso Nacional do partido e tem, ele [Luís Montenegro], desde logo, uma grande relação pessoal e de amizade com o PSD Madeira, como todos os seus dirigentes e com o Miguel Albuquerque", completou.

> *"A Madeira não é terreno mole, mas é terreno justo, onde o PSD em todas as eleições ganha com largas maiorias."*
>
> **Miguel Albuquerque**
> *Presidente Governo Reg. Madeira*

À semelhança do que já acontecera antes, Hugo Soares não discursou na festa laranja madeirense, tendo o protagonismo ficado para as figuras da região, principalmente para o herdeiro da pasta da Alberto João Jardim, que implementou a festa em 1979.

O dia até tinha começado bem, com um momento especial entre Albuquerque, Soares e outras figuras cimeiras do PSD. "Vai acima, vai abaixo, vai ao centro e bota abaixo", disse Miguel Albuquerque, com um copo de poncha na mão, à semelhança dos outros sociais-democratas. E brindaram.

Foi, até, com esse espírito que Hugo Soares mostrou confiança no aval que os partidos da oposição, a nível nacional, vão dar ao Orçamento do Estado para 2025, que começará a ser discutido em outubro, dando a Madeira como exemplo, que aprovou o Orçamento Regional com a abstenção do Chega.

> *"Tem, ele [Luís Montenegro], desde logo, uma grande relação pessoal e de amizade com o PSD-Madeira, como todos os seus dirigentes e com o Miguel Albuquerque."*
>
> **Hugo Soares**
> *Secretário-geral do PSD*

"Estou absolutamente empenhado e convencido de que, com a responsabilidade dos partidos da oposição, também o continente, como na Madeira, vai ter um bom Orçamento, sobretudo com um objetivo: mudar e melhorar a vida das pessoas", rematou, acrescentando: "Vamos ver quem é que vai viabilizar o Orçamento no continente."

Contudo, no início da tarde, os recados de Albuquerque ao continente multiplicaram-se, antes da festa terminar.

"A Madeira não é terreno mole, mas é terreno justo, onde o PSD em todas as eleições ganha com largas maiorias", frisou o líder do Governo Regional, complementando o aviso a Montenegro.

"Eu faço votos é de que o PSD nacional olhe para a nossa região como uma região que é símbolo da liberdade, do progresso e dos efeitos democráticos da social-democracia", continuou.

Sobre a cimeira entre os dois Governos – o nacional e o da região –, que vai acontecer depois do verão, Miguel Albuquerque deixou o desejo de que leve aos "desígnios justos e equitativos do povo da Madeira e do Porto Santo".

"Nós queremos melhorar o nosso desenvolvimento e para isso é fundamental que a Lei das Finanças Regionais e que a autonomia regional sejam alargadas", lembrou, acrescentando: "Precisamos destes instrumentos para melhorar o crescimento económico, para melhorar o emprego dos nossos jovens, para fixar investimento."

PCP recusa aprovar em nome da estabilidade um OE2025 a pensar na “maioria do costume”

CHUMBO O líder comunista, Paulo Raimundo, reiterou uma posição oposta à do Governo e defendeu que o próximo Orçamento do Estado não pode ser um “qualquer”.

O secretário-geral do PCP, Paulo Raimundo, afirmou ontem que quer “que se lixe a estabilidade”, se ela depender de um Orçamento do Estado para 2025 (OE2025) que aperte a esmagadora maioria dos portugueses para continuar a beneficiar a “pequena minoria do costume”.

Durante um convívio com militantes comunistas em Braga, Raimundo manifestou-se convencido de que vai mesmo haver Orçamento para 2025, “porque algum deles lá terá de ceder”, e, por isso, apelou a que se concentre a discussão no conteúdo do documento e não na forma como vai ser aprovado.

“De que é que serve este Orçamento? Serve para apertar a vida da maioria para salvaguardar os interesse de alguns. É um Orçamento destes que serve ao país? Não serve de nada um Orçamento destes ao país. E dizemos mais, desculpem a expressão, mas também há limites para tudo: que se lixe a estabilidade”, referiu.

Para o líder comunista, a estabilidade do Orçamento e da política do Governo liderado por Luís Montenegro “resulta na instabilidade de milhões e milhões de pessoas”.

“Nós estamos preocupados é com a estabilidade da vida da maioria e não com a estabilidade de uma política ao serviço de um punhado ao serviço de uma pequena minoria”, vincou.

Por isso, instou Governo e restantes partidos a pararem de falar da forma do Orçamento e a “deixarem de fazer chantagem” sobre a forma de aprovação do documento, para se concentrarem no que interessa, o conteúdo.

“Falem do conteúdo, porque é aí que se decide quais são as opções que são positivas ou que são negativas”, desafiou.

Garantiu que o PCP e a CDU estarão “de forma clara e coerente” onde sempre estiveram, ao lado da maioria, com “opções claras para responder aos problemas da maioria”.

“Não precisamos de um Orçamento qualquer, precisamos de um Orçamento que corresponda e se insira numa alternativa política que responda aos problemas do país e corresponda às necessidades da maioria do nosso povo”, disse ainda Paulo Raimundo.

O convívio decorreu na praia fluvial de Merelim S. Paio, a única freguesia do Concelho de Braga liderada por uma junta comunista.

Uma circunstância aproveitada por Raimundo para apelar à mobilização dos militantes, tendo em vista as Autárquicas de 2025. **DN/LUSA**

GERARDO SANTOS / GLOBAL IMAGENS

Paulo Raimundo assumiu várias vezes o chumbo do OE2025 da AD.

Melhoria na atividade "é trabalho de equipa".

PAULO SPRANGER / GLOBAL IMAGENS

Unidade Local de Saúde

Recorde de cirurgias dos últimos 15 anos e oncologia sem lista de espera

ATIVIDADE Os hospitais Santa Maria e Pulido Valente realizaram nos primeiros seis meses do ano mais de 19 mil cirurgias, mas aumentaram também o número de consultas, de exames e até as receitas face às despesas. O presidente do conselho de administração elogia os profissionais e diz que é o "resultado de um trabalho de equipa".

TEXTO **ANA MAFALDA INÁCIO**

Os números do balanço dos primeiros seis meses da Unidade Local de Saúde Santa Maria (ULS), uma das maiores do país, reunindo entre cuidados hospitalares e primários, 7324 profissionais, não enganam: 19 193 cirurgias, mais 12% do que em igual período de 2023, 425 mil consultas, no total mais 5%, mais 3% de exames de imagiologia, mais 3% de análises clínicas, ao todo foram realizadas 3,7 milhões de análises, mais 13% de doentes atendidos na farmácia e mais 25% de receitas face a um crescimento de 20% das despesas.

Os dados foram disponibilizados ao DN pelo presidente do conselho de administração da ULS, Carlos Martins – no cargo desde o início de janeiro, e pela segunda vez, pois já tinha anteriormente administrado Santa Maria durante seis anos – e revelam que este foi o maior registo de atividade cirúrgica dos últimos 15 anos e desde a junção dos dois hospitais.

Carlos Martins explica que o feito "não é acidental", resulta, sim, "de um trabalho de equipa", acompanhado "de uma visão e estratégia, que está a dar bons resultados". Uma estratégia que "tem sabido utilizar os incentivos que têm sido dados pelo Governo, nomeadamente para o programa para a Oncologia (*OncoStop*), que já fez com que, neste momento, não tenhamos doentes a ser operados fora do tempo máximo de resposta garantida", assegura, especificando: "Em boa verdade não tínhamos uma lista de espera preocupante em Oncologia, mas este programa permitiu-nos utilizar cirurgicamente as verbas disponibilizadas para criarmos estímulos adicionais e, duas semanas depois de aplicarmos o programa, deixámos de ter listas de espera."

> "Temos sabido utilizar os incentivos dados pelo Governo, nomeadamente para o programa *OncoStop*. Neste momento, não temos doentes a ser operados fora do tempo máximo".

Mas o fim desta lista de espera significa também que todas as outras áreas corresponderam, porque só é possível a marcação de uma cirurgia se houver "consultas e, desde logo, exames na área da imagiologia e da anatomia patológica que confirmem o diagnóstico, e nesta área temos crescido imenso. E tudo isto faz com que seja possível agendar o doente oncológico no tempo adequado para a cirurgia e para o tratamento".

O programa *OncoStop* integra o Programa de Emergência e Transformação da Saúde (PETS), apresentado pelo Governo no final de maio, tendo como objetivo acabar com as listas de doentes oncológicos que aguardavam cirurgia fora do tempo máximo garantido, e veio permitir o pagamento da atividade cirúrgica fora do tempo de trabalho a 90% do valor normal para toda a equipa.

Quando questionado se afinal esta produção não é à custa da produção adicional e dos incentivos, Carlos Martins não nega que "os incentivos têm ajudado", mas sublinha que a produção programada no hospital está em primeiro lugar e que a produção adicional registada é da ordem dos 25%.

"O nosso crescimento tem a ver com um conjunto de fatores. Em primeiro lugar, com a crescente procura da nossa ULS e dos nossos hospitais em particular e em termos globais. Depois, com o facto de estarmos a apostar numa estratégia de crescimento sustentado, porque só conseguimos aumentar a atividade cirúrgica se tivermos mais consultas, mais diagnósticos e mais internamento", sublinha.

"A atividade cirúrgica não funciona *per si*. É o motor da atividade da casa, do desenvolvimento e crescimento, e esta é uma visão e estratégia nova, mas para isso precisávamos de aumentar todos os outros indicadores", remata.

425 mil consultas e 3,7 milhões de análises

Os números da instituição indicam ainda que, das mais de 19 mil cirurgias, 12 000 foram realizadas em regime de ambulatório, mais 18% do que no ano anterior, sendo 71% do total das cirurgias programadas e mais 48% do que em 2022. Mais. Cerca de 4800 cirurgias foram em regime de internamento, um aumento de 9% face a 2023, somando-se a estas 2500 cirurgias urgentes. Em relação às consultas, das 425 mil realizadas, 123 mil foram primeiras consultas, mais 4% face ao mesmo período do ano anterior.

Para Carlos Martins, estes resultados são "históricos e espelham um extenso trabalho multidisciplinar e o empenho dos mais de sete mil profissionais", no sentido de "garantir o acesso dos doentes aos cuidados de saúde de que necessi-

tam". Por isso mesmo destaca outros resultados: "Nas consultas de enfermagem aumentámos 21% em relação a 2023, na hospitalização domiciliária, que é também um dos indicadores a jusante, crescemos 28%, na farmácia aumentámos 13% e até nas refeições servidas aos nosso doentes 305 mil ao ano, aumentámos 8%."

Sobre o desempenho económico-financeiro, Carlos Martins diz: "Crescemos 25% em termos de receitas neste semestre contra um aumento de 20% nas despesas. O que significa que, neste momento, estamos a ter mais de receita do que despesa, o que permitiu melhorar o nosso resultado líquido em 9%."

Para isto contribui "a monitorização de um conjunto de indicadores que costumamos avaliar todos os meses para ver se estamos a crescer de forma sustentada ou se estamos a ter um crescimento, apenas porque fomos mais procurados por hospitais que fecharam à nossa volta e uma poupança de sete milhões em medicamentos, devido ao uso de biossimilares." O que o faz dizer que "o nosso crescimento é perfeitamente sustentado". Por outro lado, menciona também que neste 1.º semestre aumentou o indicador da formação, com o hospital a ser certificado para a formação da nova carreira de técnicos auxiliares de saúde, e diminui o absentismo. "Este semestre em relação ao de 2023 teve menos 43 834 de absentismo, ou seja no ano passado houve mais ao menos 700 profissionais a faltar por semana por razões legais e este ano foram mais ao menos 640."

Quanto às saídas de profissionais, Carlos Martins assume que continuam a existir, mas que em relação a 2023 houve apenas um acréscimo de 0,7%. No ano passado saíram 6598 profissionais, este ano foram 6645. Mas também tem grandes preocupações e uma delas é a taxa de rotação na enfermagem. "Temos enfermeiros a sair semanalmente e estamos a ter dificuldade em recrutar nalgumas áreas, como saúde mental, mas estamos abertos à contratação e ainda há pouco tempos assinámos 27 contratos na área médica."

A ULS Santa Maria quer afirmar-se ainda mais "como unidade de referenciação a nível nacional e internacional", com apostas no "capital humano", "em mais formação" e em "nova tecnologia. "Não será fácil, mas está provado que é possível", diz Carlos Martins.

anamafaldainacio@dn.pt

Ginecologia-Obstetrícia

Nova Urgência de Santa Maria abre a 1 de agosto e bloco de partos a 1 de setembro

MUDANÇAS Numa altura em que os constrangimentos nas Urgências se fazem sentir sobretudo na Região de Lisboa e Vale do Tejo e na área da Ginecologia-Obstetrícia, o presidente do conselho de administração da Unidade Local de Saúde garante ao DN que os prazos no plano vão ser cumpridos, para bem "do SNS e do próprio hospital". Há dois meses o diretor de Serviço tinha "uma visão pessimista. Nós não temos uma visão otimista, mas real", diz.

TEXTO **ANA MAFALDA INÁCIO**

Foi precisamente a 1 de agosto de 2023 que o Hospital de Santa Maria deixou de ter a Urgência de Obstetrícia de porta aberta para todos os casos, ficando apenas a funcionar no acompanhamento das grávidas até às 22 semanas, com a Urgência Interna e a dar resposta a alguns casos que não necessitassem de internamento. O motivo eram as obras de fundo que iriam ser iniciadas para dar "ao maior hospital do país a maior maternidade do país".

A reabertura estava prevista para sete meses depois, em março de 2024, o que não aconteceu, depois para junho, o que também não aconteceu, mas, agora, é o próprio presidente do conselho de administração da Unidade Local de Saúde (ULS Santa Maria), Carlos Martins, que garante ao DN: "Até esta altura, está tudo a correr conforme planeado e conforme o nosso *planning* em termos de obras entregue ao governo".

O presidente diz que "os prazos têm sido irrepreensivelmente cumpridos. No mês de junho terminaram as obras, no mês de julho estamos a limpar o espaço, a colocar mobiliário e equipamento e a testar tudo e a contratar profissionais. Portanto, a nova Urgência de Ginecologia e Obstetrícia abre no dia 1 de agosto, a meio do mês começamos a ter uma sala de bloco de partos a funcionar de apoio à Urgência e dia 1 de setembro abrimos a maternidade", considerando que a abertura da unidade é uma mais-valia "para o hospital e para o SNS".

Em maio, o diretor do Serviço de Ginecologia-Obstetrícia, Alexandre Valentim Lourenço, tinha dito ao DN que a nova unidade não poderia entrar "em plenas funções durante o verão, como se esperava" e por uma "questão de segurança de todos", explicando: "Não podemos passar de uma maternidade fechada para a maior maternidade do país de um dia para o outro. Temos de fazer uma abertura gradual, por fases, bem-feita e de forma a contribuirmos positivamente para a resposta do Serviço Nacional de Saúde."

Confrontado com estas mesmas declarações, o presidente da ULS considera que, na altura, o diretor de serviço "tinha uma visão pessimista da situação. Nós não temos uma visão otimista, o que temos é uma visão realista e vamos cumprir os prazos", embora, reconheça, ser uma "preocupação os constrangimentos e a pressão que isto tem causado aos meus colegas".

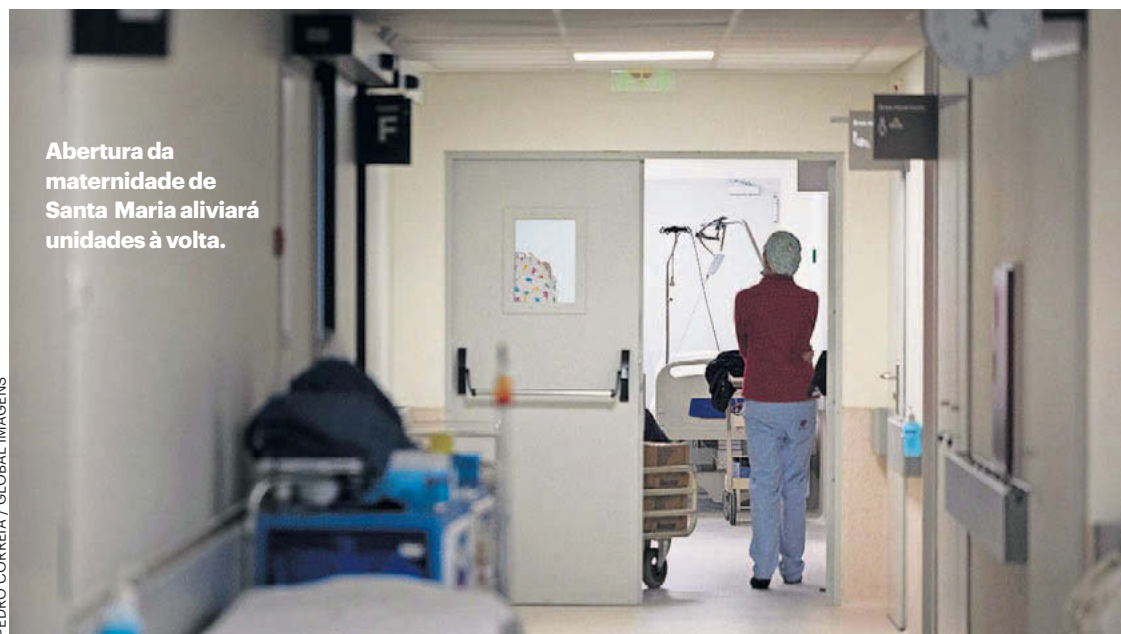
Carlos Martins manifesta-se satisfeito com o cumprimento do que foi definido, até porque quando chegou à administração da ULS a sua equipa decidiu reforçar o investimento nesta obra em cerca de um milhão de euros para a ampliar em espaço – nomeadamente na sala de espera para doentes, porque "não tinha a dimensão adequada para o bem-estar de todos e decidimos duplicar a sua capacidade", disse – e em mais equipamento. E tudo isto foi conseguido. "A obra está terminado e o equipamento e mobiliário ou já estão montados ou estão para ser ou a achegar à instituição."

Quanto aos recursos humanos e à necessidade de mais contratações, o presidente de ULS refere que "a unidade tem um planeamento completamente seguro e que a única preocupação é cumprir com a necessidade de 25 enfermeiros especialistas, embora saibamos que há 30 disponíveis para assinarem contratos connosco".

Carlos Martins faz questão de esclarecer que, "embora nos mapas de escalas apareça que estamos fechados há um ano, isso tem a ver com a resposta integral, porque tivemos sempre a Urgência de Ginecologia aberta e a funcionar com consultas e a da Obstetrícia aberta até às 22 semanas, mas obviamente com dificuldades devido às obras".

O projeto que agora está a ser finalizado e que levou ao encerramento total da Unidade de Obstetrícia de Santa Maria gerou polémica. Sobretudo pelo facto de as suas equipas terem de passar a fazer escala de urgência nos hospitais São Francisco Xavier e Beatriz Ângelo. O diretor da unidade da altura, Diogo Ayres Campos, defendia o encerramento parcial, contestando o projeto da administração que era presidida pela atual ministra da Saúde, e isso resultou na demissão de toda a sua equipa e de outros colegas.

A abertura da nova unidade de Santa Maria Maria certamente que virá aliviar as unidades da região até agora sobrecarregadas. Por exemplo, neste fim de semana (21 e 22 de julho) o país voltou a ter nove Urgências fechadas, todas em Lisboa e Vale do Tejo e seis nesta área, sendo que as outras três eram de Pediatria.

anamafaldainacio@dn.pt

Abertura da maternidade de Santa Maria aliviará unidades à volta.

PEDRO CORREIA / GLOBAL IMAGENS

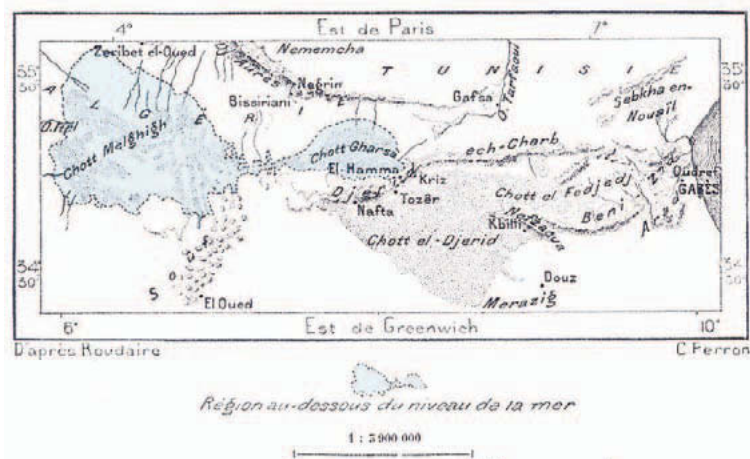
O *Ensaio Sedan*, em 1962, no Estado do Nevada, criou em segundos uma cratera de configuração lunar.

O grande mar saariano, uma fantasia nascida no século XIX

CIÊNCIA *VINTAGE* Os séculos XIX e XX revelaram-se profícuos em fantasias da engenharia. Uma delas, o projeto de inundar o interior do Deserto do Saara. Franceses e ingleses disputaram projetos. Mas, seriam os norte-americanos a apresentar o plano superlativo.

TEXTO **JORGE ANDRADE**

A 15 de outubro de 1904, o escritor francês Júlio Verne entregou nas mãos da casa que o editava o manuscrito do seu derradeiro livro. Em dezembro desse ano, o autor nascido em 1828, corrigiu as provas da obra *A Invasão do Mar* (*L'Invasion de la Mer*). Verne, um visionário da ciência e tecnologia, faleceria a 24 de março de 1905, ano em que os leitores franceses viajavam nas páginas do livro até ao futuro, ao ano de 1930. Verne anteviu um mar no seio do Deserto do Saara. Uma obra de engenharia megalómana assinada pelo ficcionado engenheiro Schaller, supervisionada pelo capitão Hardigan e combatida pelo tuaregue Hadjar.

A visão de desenvolvimento europeu para o maior deserto quente da Terra, com mais de nove milhões de quilómetros quadrados, não era partilhada pelos povos da região. Um fim cataclísmico aguardava as personagens. Na sua escrita futurista de um Saara repleto de águas, Júlio Verne inspirava-se no passado.

Mapa da Tunísia com a proposta de um mar no Deserto do Saara.

O século XIX revelara-se rico em projetos que propunham inundar o grande deserto africano com águas do Oceano Atlântico e do Mar Mediterrâneo. Verne olhou para o trabalho de um seu conterrâneo, o geógrafo François Élie Roudaire que, na década de 1870, anteviu inundar uma generosa porção de deserto abaixo do nível do mar. Um intento que carregava diferentes objetivos. Climáticos, propiciando mais humidade, consequentemente mais chuva, capaz de fomentar uma agricultura próspera, mas também sociais e económicos, com a criação de um novo acesso europeu aos mercados da África Central e Ocidental.

> O século XIX revelara-se rico em projetos que propunham inundar o grande deserto africano com águas do Oceano Atlântico e do Mar Mediterrâneo.

Na sua natureza e intenções os projetos de levar o mar ao interior do Saara contaram com apoios e também críticas. O presente é testemunha de que todos os intentos permaneceram no papel.

Em 1877, o empresário escocês Donald Mackenzie esboçou a proposta de abrir um canal desde o Cabo Juby, na costa ocidental marroquina, para sul, rumo à aridez da planície batizada El Djouf. Acreditava Mackenzie que o território com mais de 100 mil quilómetros quadrados estaria abaixo do nível do mar.

O escocês olhava para o seu mar projetado como um horizonte aberto às aspirações comerciais britânicas na região. A obra de engenharia ligaria o mar saariano ao Rio Níger e, este, à África Ocidental.

O sonho colonial de Mackenzie permaneceria intangível. Grande parte de El Djouf está acima do nível do mar. O próprio Donald nunca viajara até à região. Fantasiara sobre leituras a propósito das bacias desérticas submarinas na Tunísia, Argélia e Egito, os lagos salgados, temporariamente inundados, os *chotts*.

Corria 1878 e uma dupla de franceses, o já referido François Élie Roudaire e o diplomata Ferdinand de Lesseps, influente na concretização do Canal do Suez, inaugurado em 1869, retomaram a ideia de um mar saariano. O projeto viajava para leste. Roudarie e Lesseps propunham a construção de um canal desde o Golfo de Gabes, na Tunísia, até ao *Chott* el Fejaj, no interior daquele país.

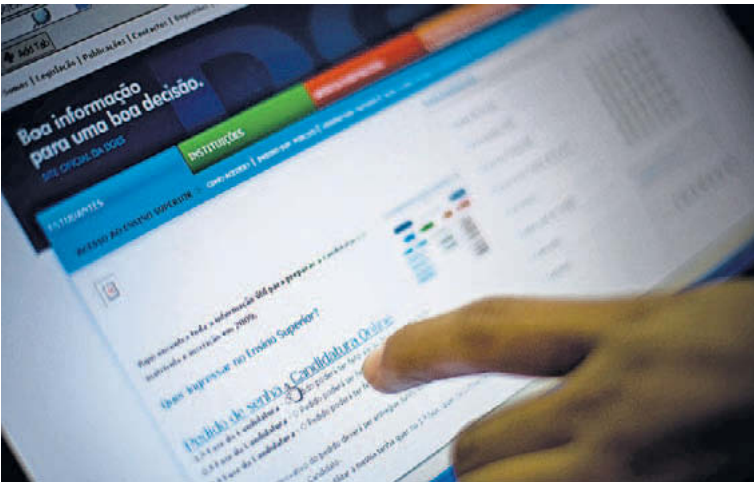
Ali, as águas do Mediterrâneo alimentariam um mar de 8000km², um amenizador do clima da região defendia a dupla de empreendedores. Um plano criticado por Alexander William Mitchinson, missionário britânico, que olhava para um hipotético mar raso e antevia-o infestado de doenças. O projeto seria rejeitado pelo Governo francês.

Toda a grandeza que o século XIX entregou ao mar saariano, minguou perante a megalomania do século XX. Em 1957, o *Programa Plowshare*, dos Estados Unidos, olhou para as ogivas nucleares e anteviu-lhes um futuro em projetos de engenharia civil.

Até 1977, ano em que findou o programa, 35 ogivas nucleares foram detonadas ao abrigo de 27 testes em diferentes regiões. Entre as explosões, destacou-se o *Ensaio Sedan*, em 1962. Em segundos, a detonação no Estado do Nevada deslocou 12 milhões de toneladas de solo. Nascia uma cratera de configuração lunar, uma cicatriz com 100 metros de profundidade por 399 metros de largura. No âmbito do Programa, nasceu o plano de alargamento do Canal do Panamá, a detonação de grutas para acolherem água para consumo e o *Projeto Chariot*, com a detonação de bombas de hidrogénio para criar um porto artificial em Cabo Thompson, no Alasca.

Sob o amparo do *Programa Plowshare* também se discutiu a criação de um largo artificial no Egito e o recurso a 520 explosões nucleares para abrir um canal no Deserto do Neguev, em Israel, uma alternativa ao Canal do Suez. Estávamos em 1963. O plano ficou no papel.

Também em papel, sob a forma de romance de ficção científica, o ano de 1935 estreou o livro do inglês John Wyndham. *O Povo Secreto* (*The Secret People*). Uma aventura situada em 1964 a envolver um povo pigmeu, um mar subterrâneo, sob o Saara, e uma personagem inusitada. O livro antevê o reinado de Isabel II, então a terceira na linha de sucessão. A monarca veria a sua coroação apenas em 1953. A ficção de Wyndham revelou-se mais precisa do que os projetos apostados num mar saariano.

ARQUIVO GLOBAL IMAGENS

Tem hoje início a primeira fase de candidatura ao Ensino Superior.

Em 2024 há mais de 78 mil vagas no concurso de acesso ao Ensino Superior público

EDUCAÇÃO Começa hoje a 1.ª fase de candidatura. Medicina tem 1863 vagas, mais 145 que no ano passado.

No total, para os candidatos ao Concurso Nacional de Acesso ao Ensino Superior público, há 78 158 vagas à espera nas universidades e institutos politécnicos , de acordo com um comunicado do Ministério da Educação, Ciência e Inovação, ao qual o DN teve acesso. Começa hoje a primeira fase de candidatura.

Para o concurso nacional, confirma o Governo, há mais 290 vagas face às disponibilizadas inicialmente no ano passado, às quais ainda são somadas as 712 destinadas ao concurso local, o que faz com que o número total de vagas para o regime geral de acesso seja 55 313.

Deste modo, considerando as contas do Ministério da Educação, e depois de adicionar todas as vias de ingresso ao Ensino Superior público – que, para além das vagas do concurso nacional, "inclui ainda vagas para concursos locais artísticos, candidatos maiores de 23 anos, estudantes internacionais, titulares de cursos superiores e pós-secundários, situações de mudança de curso, diplomados de vias profissionalizantes, ingresso em Medicina por licenciados, regimes especiais e ainda as vagas para ensino à distância" –, o número total de vagas para ingresso no Ensino Superior público é de 78 158.

A este número juntam-se ainda as vagas disponibilizadas no Ensino Superior privado.

Para já, nos cursos de Medicina, só este ano, há 1863 vagas, o que configura um acréscimo de 145 vagas em relação às que estavam disponíveis no ano passado. Só na Universidade de Aveiro, há mais 40 vagas para este curso face ao que já tinha sido divulgado em abril deste ano, quando foi noticiado um aumento de apenas 13 vagas. Para além disso, a Universidade Católica ainda anuncia 50 vagas para formar médicos.

Ainda na Universidade de Aveiro, há também mais 27 vagas em Engenharia Informática Aplicada.

Na Universidade do Porto há mais 30 vagas para quem pretender ingressar em Engenharia Aeroespacial, e no que diz respeito à Universidade de Coimbra, o acréscimo na oferta acontece no curso de Biologia Marinha, que sobe 40 vagas face ao ano passado.

Os dados do Governo mostram ainda 2 772 vagas para cursos que funcionam à distância. Esta modalidade comporta, entre universidades e institutos superiores públicos e privados, cursos de Gestão, História, Ciências Sociais, Ciências Religiosas, Ciências da Comunicação, Línguas Aplicadas, Engenharia Informática, Psicologia, *Marketing* ou Contabilidade. **V.M.C.**

Opinião
Paulo Guinote

A Arte da representação

Uso com demasiada frequência algumas passagens d'*O Labirinto da Saudade*, de Eduardo Lourenço, por continuarem insuperáveis no modo como captam a essência do "ser português" através dos tempos, mas, muito em especial, nos últimos 200 anos. Escreve ele que "os Portugueses vivem em permanente representação, tão obsessivo é neles o sentimento de fragilidade íntima inconsciente e a correspondente vontade de a compensar com o desejo de fazer boa figura, a título pessoal ou colectivo".

Se isto é válido para muitas áreas da vida política, social ou cultural, por maioria de razão e deformação profissional, encontro esta forma de estar em modo de "representação" especialmente presente na Educação, onde a maior preocupação é fazer "boa figura", mais do que assumir por inteiro qualquer realidade incómoda. Veja-se o caso dos *rankings*, em que se sucedem apelos à sua não-publicitação porque, alegadamente, levam a escola pública a fazer má figura. Veja-se como quem fez algo, assume o seu contrário sem problemas ou pudor, se isso lhe parece conveniente. O governante que colaborou no fim das provas finais de ciclo, nos 4.º e 6.º anos, em 2015-16, não tem qualquer pudor em surgir, em 2024-25, a afirmar que é na continuidade da sua acção que essas mesmas provas são repostas.

Escreve ainda Eduardo Lourenço que aos portugueses, na sua demanda por parecer bem e construir uma imagem que iluda as suas fragilidades, "da verdade o que mais nos fascina é a paixão que ela comunica e não o processo em que consiste a sua busca com a visão nela do que falta e não do que nela resplandece". Em 2024, como em 1978, é válida a percepção de que "quando o religioso perdeu o seu valor ouro ficou a política e hoje a ideologia", apenas sendo de rigor acrescentar que por "ideologia" já se entende coisa bem mais relativa e oportunista.

E podemos continuar no diagnóstico que nos apresenta a sociedade portuguesa como uma "sociedade em perpétua desfasagem entre o que é e o que quer parecer", sendo isso especialmente relevante no que quer dar a entender que parece para o exterior. É difícil não encontrar na construção de um sucesso educativo estatístico para exportação, que depois se importa da OCDE como se fosse de superior validação internacional, uma prova eloquente da "promoção eufórica e cara da nossa imagem exterior que em seguida reimportamos como se fosse de facto a dos outros sobre nós". É mesmo muito difícil não perceber até que ponto o investimento na promoção internacional de políticas e políticos nacionais na área da Educação superou qualquer capacidade de um verdadeiro olhar auto-crítico, indispensável para identificar e combater, em devido tempo, as "fragilidades" que parece ser muito doloroso assumir.

> "[Na Educação] a maior preocupação é fazer "boa figura", mais do que assumir por inteiro qualquer realidade incómoda."

Por isso, a nomeação de um ex-governante para um cargo internacional, origina um desfile de elogios públicos, mesmo de quem em privado longamente o criticou, como se esse "sucesso" individual pudesse, de algum modo, ser partilhado por um colectivo frágil, cuja auto-imagem se constrói sobre a validação externa. A tentação por parecer bem, a nível externo ou interno, central ou local, tornou-se obsessiva, assim como a necessidade de confirmar a justeza da representação da realidade. Tudo o que não sirva esse desígnio entra no domínio da não-inscrição e perde-se no nevoeiro de que nos falou José Gil em 2004 num Portugal, hoje, que ainda é o mesmo em 2024.

Professor do Ensino Básico. Escreve sem aplicação do novo Acordo Ortográfico.

Opinião
Constantino Sakellarides

Políticas de Saúde 2024 (I): Duas faces lunares – uma iluminada e a outra não

As políticas de Saúde são extraordinariamente complexas. Por um lado, podem expressar intenções onde se reconhecem lógicas de manifesta racionalidade, bem fundamentadas, de fácil compreensão. Por outro lado, é frequentemente possível observar, simultaneamente, medidas onde isso não acontece – cuja lógica escapa a qualquer explicação aparente.

As políticas de Saúde 2024 convidam a uma leitura que torna essa dualidade particularmente evidente.

1 Uma face iluminada...
Na Saúde, as pessoas prezam muito especialmente a possibilidade de terem acesso fácil a cuidados apropriados quando deles necessitam. Não é isso que está a acontecer. Faz, portanto, todo o sentido começar por elaborar e apresentar um Plano de Emergência, focado na melhoria do acesso aos cuidados de saúde. Centrado, de início, nas prioridades mais evidentes. Privilegiando a capacidade de resposta existente no Serviço Nacional de Saúde (SNS), expandida por estímulos monetários excecionais para o aumento dessa resposta. Recorrendo, complementarmente, ao setor privado, quando necessário.

Plano este que aparece, adequadamente associado a um "Quadro Global de Referência do SNS". Este, de horizonte obrigatoriamente plurianual (2024-06), dá seguimento à ideia já vertida no OE2024. Constitui uma aposta fundamental para o desenvolvimento do SNS. O "Quadro de Referência", em causa, necessita de ser urgentemente ativado. Dele dependem o enquadramento há muito necessário à "contratualização interna" do desempenho no SNS, a efetivação de uma gestão autónoma de proximidade e a valorizações das funções de "direção clínica e de saúde" – sendo que estas são o garante da qualidade (bons resultados) dos cuidados prestados. Para essa ativação, as metas do Quadro de Referência precisarão de ser urgentemente discutidas, validadas ou corrigidas. Não deixa de ser surpreendente, o facto de esta matéria, ao contrário do Plano de Emergência, não ter merecido qualquer interesse por parte dos partidos políticos ou tido expressão no debate público.

Quanto à generalização das Unidades Locais de Saúde (ULS) no país, a ministra da Saúde tem argumentado, como outros, que os méritos duma reforma, com estas características, não estão suficientemente fundamentados. Decidiu, e bem, não descontinuar a reforma, mas antes, utilizar diversos dispositivos avaliativos, em curso, para decidir sobre o que fazer, num futuro, mais ou menos próximo.

2 ...E a outra não.
Há mais de 50 anos que Portugal é pioneiro, na Europa, no desenvolvimento dos cuidados de saúde primários, baseados em "centros de saúde". Mais recentemente, uma significativa reforma deste setor do SNS permitiu abandonar o modelo burocrático, de comando-e-controlo, vigente, e promover unidades funcionais "autónomas e responsáveis", através de um processo transparente de contratualização. E continuamos, assim, na atualidade, em destaque no concerto europeu.

É certo que este modelo organizacional nem sempre foi suficientemente cuidado, em todas a regiões país. Há eventualmente "unidades funcionais", que, por falta de acompanhamento adequado, deixaram de ser atrativas para os jovens profissionais. Compete à administração do SNS, identificá-las e proceder às correções necessárias, e não delas desistir a favor do "desconhecido".

É um facto, indesmentível, que não existe, nos setores social e privado do país, qualquer experiência minimamente comparável com a do SNS, neste domínio. E, no entanto, sem qualquer fundamentação conhecida – não se pode exigi-la numas coisas e ignorá-la noutras – o "Plano de Emergência" passa a "Plano de Emergência e Transformação" e inclui iniciativas como, por exemplo, a criação de 20 "Unidades de Saúde Familiar" sociais e privadas, concorrendo com o SNS para recursos muito escassos no país. Acresce que as Unidades de Saúde Familiar não são uma entidade isolada no contexto de um centro de saúde. No seu melhor, articulam-se com outras unidades e competências para proteger e promover a saúde das pessoas.

Igualmente, sem qualquer fundamentação conhecida, é o caso da concessão à gestão privada do Hospital de Cascais a extração de mais-valias da gestão do património dos cuidados de saúde primários do SNS. A que propósito?

Já não é o Estado a recorrer ao setor privado, quando necessário. Trata-se, isso sim, do Estado, promover, ele próprio, soluções privadas previamente inexistentes, por vezes claramente concorrenciais com o SNS.

Uma das decisões, num passado recente, difícil de entender, foi a transformação da Região de Saúde do Algarve, numa Unidade Local de Saúde (como "local", tratando-se de todo o Algarve?). Agora o Ministério da Saúde anuncia que o "Algarve se ofereceu" para transformar a Região do Algarve num Sistema Local de Saúde (outra vez "local"?). A ideia foi, aparentemente, acolhida favoravelmente, apesar do seu anúncio não ter sido acompanhado de qualquer descrição, análise e fundamentação do projeto em causa. Do que se trata?

> **"A crise da Saúde, em Portugal, está intimamente associada à incapacidade de o SNS atrair e reter os profissionais de saúde de que necessita. Para que essa situação particularmente preocupante seja superada, é importante que haja uma mensagem clara e urgente para as profissões de saúde."**

3 *Et maintenant...*
A crise da Saúde, em Portugal, está intimamente associada à incapacidade de o SNS atrair e reter os profissionais de saúde de que necessita. Para que essa situação particularmente preocupante seja superada, é importante que haja uma mensagem clara e urgente para as profissões de saúde. A de que estão a ser tomadas, expeditamente, as medidas necessárias para que o SNS possa oferecer, no mais curto prazo possível, condições de trabalho adequadas (equipamentos e instalações), carreiras profissionais atrativas (confiança no futuro) e remunerações justas (para todas as categorias profissionais).

Este não é um desafio fácil. Por isso mesmo, não deveria ser esta emergência um dos primeiros capítulos do "Plano de Emergência" apresentado?

Fundação para a Saúde

Questionário de Proust do ChatGPT

Pedimos ao ChatGPT: "Faz-nos um questionário de Proust para podermos publicar no nosso jornal". Só que o que ele nos apresentou era muito semelhante ao original, de Proust. Então dissemos: "Dá-nos um mais divertido". E o resultado foi este.

Luís Filipe Borges Argumentista, comediante, produtor

"Se fosse invisível revirava todas as gavetas nas casas de Sócrates. Perdão, do amigo dele"

Se pudesse ter um qualquer superpoder, qual escolheria e porquê?
Voar. Assim punha-me nos Açores quando quisesse.

Qual é o seu filme ou série de TV favorito para assistir numa maratona?
Pessoa que não aprecie cada minuto das sublimes três horas de *Heat* (Michael Mann) não entra no meu círculo de amigos.

Qual é a comida mais estranha que já experimentou?
Um *cheeseburguer vegan*... não recomendo.

Se pudesse viajar para qualquer lugar no tempo, para onde e quando iria?
Para Angra do Heroísmo, nos dois anos de resistência ao domínio castelhano.

Se fosse uma personagem de desenho animado, quem seria?
O Tio Patinhas, para mergulhar numa caixa-forte cheia de dinheiro.

Qual foi a dança mais embaraçosa que já fez?
Todas. Provavelmente a pior terá sido a do meu casamento, por ter mais gente a prestar atenção.

Se pudesse trocar de vida com qualquer pessoa por um dia, quem escolheria?
Conan O'Brien, Jon Stewart ou Dave Chapelle, *ex-aequo*.

Luís Filipe Borges à mesa: tem saudades do "esparguete do ovo e chouriço" da mãe.

LUÍS GODINHO

Qual é a música que sempre o faz dançar, não importa onde esteja?
Mr. Brightside, The Killers.

Se tivesse de viver num filme, qual escolheria e porquê?
Um porno, por motivos evidentes.

Qual foi o presente mais estranho ou engraçado que já recebeu?
Um insulto maravilhoso e emoldurado.

Se fosse um animal, qual seria e porquê?
Uma águia. Sobretudo pela oportunidade de voar para os Açores.

Qual é a sobremesa favorita que nunca recusaria?
Bolo de bolacha.

Se pudesse criar um feriado, qual seria e como seria comemorado?
Dia do Ilhéu, de quatro em quatro anos, a 29 de Fevereiro, em que todos os nativos de ilhas poderiam viajar gratuitamente de avião.

Qual é o seu *hobby* mais estranho ou incomum?
Vender e contratar jogadores para o SLB até ser vencido pelo sono.

Se pudesse ter qualquer celebridade como seu melhor amigo, quem escolheria?
Já tenho, é o António Raminhos. E não poderia estar melhor servido.

Qual é a piada mais engraçada que conhece?
É involuntária. Mas rio-me sempre imenso de cada vez que um *pivot* de notícias lança um romance. É um flagelo que afeta imensos.

Se pudesse falar com qualquer animal, qual seria e o que perguntaria?
Perguntava ao meu gato, Haruki, como diabo é que ele conseguiu chegar – e com ótimo aspeto – aos 18 anos de vida.

Qual é o seu talento oculto que poucas pessoas conhecem?
Consigo analisar a pinta de um futebolista mal aterra em Lisboa e perceber se vai ser bom ou *flop*.

Se fosse uma cor, qual seria e porquê?
Estou-me nas tintas, o que até é adequado.

Qual é a palavra que mais gosta de dizer e porquê?
Não fica bem num jornal de referência, mas começa em F e acaba em E. Porque liberta e é um excelente anti-*stress*.

Se pudesse inventar qualquer coisa, o que seria?
O teletransporte. Porque já estou cansado de bater as asas para chegar aos Açores.

Qual é a coisa mais ridícula que já comprou?
Comprei uns calções de banho coloridos só porque a funcionária da loja foi *snob* e disse "esses não lhe servem". Depois perdi 8kg.

Se tivesse de comer apenas uma comida para o resto da vida, qual seria?
O esparguete com ovo e chouriço da minha mãe.

Qual é a sua memória de infância mais engraçada?
O meu avô sportinguista a chagar-me o juízo.

Se fosse um meme, qual seria?
Qualquer um com *resting bitch face*.

Qual seria o título da sua autobiografia?
Só Mais Uma Coisa.

Se pudesse ser um personagem de videojogo, quem seria?
Só jogo FIFA. Seria o meu próprio avatar, n.º 10 do SLB, a marcar na final da *Champions* com assistência do João Neves.

Qual é o seu trocadilho ou piada de favorito?
Divagar se vai ao longe.

Se pudesse ser invisível por um dia, o que faria?
Revirava todas as gavetas nas casas de José Sócrates. Perdão, do amigo dele.

Qual foi a coisa mais inesperada que aprendeu recentemente?
Que a raiz etimológica da máxima "errar é humano" não tem nada a ver com cometer erros, mas sim com ser errante, vaguear por aí.

Chamas deram muito trabalho em Alcabideche

FOTOGRAFIA **REINALDO RODRIGUES / GLOBAL IMAGENS**

Alimentadas por vento forte, as labaredas que fizeram ontem arder uma zona de mato em Alcabideche, Cascais, ainda se aproximaram de habitações, mas foram logo combatidas, ao todo, por 407 bombeiros, apoiados por 124 viaturas e chegaram a estar no ar 14 meios aéreos. Ao fim da tarde, havia a registar 14 pessoas com ferimentos leves – 11 operacionais e três civis, todos com traumatismos ligeiros ou inalação de fumo –, uma viatura autotanque danificado pelo fogo (*foto em baixo*) e muito cansaço. Mas a situação estava controlada. As causas do incêndio, essas, não foi possível determinar. Facto é que esta freguesia tem sido alvo de múltiplos fogos nos últimos dois anos.

Raquel Oliveira teve que se comprometer a não atender pacientes com questões de fala e linguagem para conseguir o registro profissional.

FOTO: ARQUIVO PESSOAL

Fonoaudiólogas lutam para exercer em Portugal

DENÚNCIAS Grupo expõe em dossiê situações em que o órgão responsável por credenciar profissionais brasileiros como terapeutas da fala discrimina o português do Brasil e faz exigências ilegais para o processo.

TEXTO **CAROLINE RIBEIRO**

Em 2017, Raquel Oliveira se mudou do Rio de Janeiro para Portugal com a família. Com mais de 20 anos de experiência como fonoaudióloga, procurou informações para exercer a mesma profissão logo ao chegar. Não imaginava que levaria quatro anos para conseguir uma autorização.

"Em setembro de 2017, dei entrada na equivalência do diploma pelo Instituto Politécnico de Leiria. O processo só foi deliberado em outubro de 2018", conta Raquel ao DN Brasil.

Em Portugal, a profissão de fonoaudiólogo não existe. As competências, unificadas no Brasil, são divididas entre duas profissões: a de terapeuta da fala e a de audiologista. Quando recebeu a validação acadêmica, a carioca procurou a Administração Central do Sistema de Saúde (ACSS), responsável por autorizar o exercício da profissão de terapeuta da fala, para pedir a credencial. "Me exigiram fazer uma prova do português europeu e foi muito difícil conseguir, porque esse pedido é ilegal. As pessoas que têm como língua materna o português não podem fazer. Todas as universidades em que eu ia diziam que estava errado. Finalmente, o centro de línguas da Universidade do Minho, que é uma empresa terceirizada, aceitou", relata.

"Risco ao utente"

A validação de um diploma estrangeiro em uma instituição portuguesa não é obrigatória para o registro como terapeuta da fala. Em janeiro de 2020, uma outra fonoaudióloga brasileira, que prefere não ser identificada, deu entrada no processo diretamente na ACSS. Na época, a cobrança pela prova de português já foi diferente.

Ela conta ao DN Brasil que o órgão já não pedia mais um teste feito por instituições de ensino justamente por ter sido alertado de que a exigência era incorreta, mas passou a designar uma terapeuta da fala portuguesa para realizar as verificações

"Perguntei o que ia ser cobrado nessa prova, porque não tem nem um edital. Mandaram um *e-mail* dizendo que eu seria avaliada quanto ao português europeu falado e escrito, teria que escrever uma redação e precisaria saber os protocolos utilizados pelos terapeutas da fala em Portugal", diz a profissional.

Com a pandemia, o exame só ocorreu em março de 2022, na sede de um órgão público em Coimbra. Ela relata ter sido questionada, "como se fosse uma entrevista de emprego", sobre motivos da mudança para Portugal. "Certa hora, ela falou: 'Você não vai ser aprovada porque não fala o português europeu'."

A partir daí, afirma ter sido vítima de preconceito. "Ela falou que brasileiros não sabem nem conjugar um verbo, como é que vão tratar uma pessoa com perturbação do desenvolvimento da linguagem. Senti que sofri xenofobia". A profissional diz ter indagado a terapeuta sobre a avaliação dos protocolos portugueses. "Ela disse: 'Já entrevistei outras colegas tuas e elas sabiam todos os protocolos decorados, então tu deves saber também.' E me mandou embora", recorda.

Em janeiro de 2023, a brasileira recebeu o indeferimento do processo, que cita risco à "segurança do utente" como um possível resultado das diferenças entre o português europeu e a variante brasileira nos tratamentos.

Já a carioca Raquel Oliveira, depois de apresentar à ACSS, em 2018, o resultado da prova de português, ainda precisou passar por uma "avaliação da fala e da linguagem" com uma terapeuta portuguesa, realizada apenas no ano seguinte. Para dar o atestado, a profissional "exigiu que eu escrevesse que não ia atender fala e linguagem, só voz, alterações de deglutição e audição. Eu me submeti, senão ela não ia assinar", conta a brasileira.

Em janeiro de 2021, recebeu da ACSS o registro. "Juntando os dois processos, 40 meses ao todo", diz Raquel, que, hoje, atende em seu consultório particular em Leiria.

O DN Brasil pediu uma entrevista à ACSS. A entidade foi questionada a respeito da situação dos fonoaudiólogos brasileiros, sobre a exigência de "fluência" no português europeu, sobre provas conduzidas por terapeutas da fala que demonstram preconceito contra o português brasileiro, como é realizado atualmente o procedimento, quais são as exigências, quantos processos estão correndo, quantos já foram validados e quantos indeferidos.

Em resposta via *e-mail*, a autoridade apenas esclareceu que solicita "a todos os requerentes que obtiveram as suas qualificações fora de Portugal, a realização de uma prova de verificação do domínio do português europeu, falado e escrito, (independentemente da naturalidade ou nacionalidade) e de conhecimentos, competências e aptidões no contexto dos diferentes campos de atuação do Terapeuta da Fala (paradigmas e métodos diferentes de país para país)". Reforçou ainda que "existem diferenças de linguagem nos distintos domínios semântico, morfossintático, fonético-fonológico, quer na vertente oral, quer na vertente escrita" do português europeu e da variante do Brasil, sem referências aos demais questionamentos.

O DN Brasil sabe que fonoaudiólogos em Portugal organizaram um dossiê com documentos e relatos e encaminharam para autoridades como a ACSS e o Conselho Federal de Fonoaudiologia (CFFa). Em fevereiro do ano passado, o órgão brasileiro participou de uma reunião no Ministério das Relações Exteriores, em Brasília, com autoridades de Portugal, que tratou de reconhecimento de diplomas e exercício profissional para diversas atividades. Em comunicado nas redes sociais na época, o CFFa informou que "ficou esclarecido no encontro que, para solicitar a convalidação do diploma e poder atuar em território português, o fonoaudiólogo deve estar regularmente registrado" na entidade brasileira, o que implica que os profissionais continuem pagando as taxas mesmo fora do país.

O DN Brasil solicitou uma entrevista ao conselho para saber dos avanços após a reunião de 2023 e se acompanha a situação atualmente. Depois de informar que haveria uma resposta, a entidade não retornou mais até o fechamento deste texto.

Higor Cerqueira foi quem criou a premiação.

Primeira edição em 2023 foi considerada um sucesso.

Prêmio Estrela do Atlântico abre indicações para edição 2024

VALORIZAÇÃO Evento busca reconhecer o trabalho dos brasileiros que vivem em Portugal. Edição deste ano está marcada para o dia 14 de dezembro, em um evento de Gala no Porto. "É o *Oscar* dos brasileiros", explica o idealizador.

TEXTO **AMANDA LIMA**

Abre hoje o período de indicações para o Prêmio Estrela do Atlântico 2024. Será a 2.ª edição do evento, que busca destacar e homenagear o trabalho de brasileiros e brasileiras que vivem em Portugal. Qualquer pessoa pode fazer uma indicação, que é gratuita e *online*. O prazo encerra às 23.59 do dia 10 de outubro e a grande noite de gala está marcada para 14 de dezembro, no Porto.

O idealizador do prêmio é o jovem brasileiro Higor Cerqueira, empresário e presidente fundador da Associação Nacional dos Estudantes Brasileiros em Portugal. Ao DN Brasil, o imigrante relata que a iniciativa foi criada após ver que, muitas vezes, a nacionalidade brasileira era destacada como negativa ou pejorativa. Por isso, o ex-estudante do Instituto Politécnico de Bragança criou o prêmio para valorizar os imigrantes que vivem, empreendem e se reinventam no país.

Higor idealiza que o prêmio se consolide como o "*Oscar*" do brasileiro não só em Portugal, mas também na Europa. Na 1.ª edição o foco eram apenas os que viviam em terras lusas. Neste ano, além destes, a indicação foi expandida para quem mora em outros países da Europa. "Estamos com a expectativa lá em cima, no ano passado já tivemos número incríveis", destaca ao DN Brasil. Os vencedores recebem um troféu, no mesmo estilo do *Oscar* e, antes, todos passam por um tapete vermelho. "Para criar o prêmio fui estudar como funciona uma premiação", detalha o empresário brasileiro.

Entre as novidades de 2024, o público pode esperar surpresas que virão diretamente do outro lado do Atlântico e uma valorização ainda maior dos indicados. "Este ano todos vão subir ao palco para uma homenagem e comenda, depois vamos anunciar os vencedores. Entendemos que esse palco tem que ser partilhado com toda a comunidade", sublinha Higor.

O prêmio é dividido em duas classes: personalidades em destaque e empresas e negócios. Cada classe, depois, será dividida em categorias, por áreas de atuação. A definição das categorias vai depender da fase de indicações, aberta hoje. Depois do fim das indicações, uma comissão vai fazer uma triagem, com contabilização do número de menções e afirmar junto dos escolhidos o interesse em concorrer, mediante um termo de participação. A divulgação dos nomes está marcada para 21 de outubro. A fase de votação pública *online* começa em 1.º de novembro e segue até às 12.00 horas do dia 13 de dezembro. "Se a voz do público é a voz de Deus, é justo que sejam as pessoas a escolher quem serão os vencedores", brinca o empresário.

A grande noite de gala será às 15:00 horas do dia 14 de dezembro, no Auditório Francisco de Assis do Colégio Luso-Francês, no Porto. O evento será aberto ao público, mediante compra de ingressos, que são limitados. Mais informações sobre a participação serão divulgadas no *site* *premioestreladoatlantico.com*, onde constam todos os detalhes da premiação.

amanda.lima@dn.pt

DN BRASIL
É um suplemento do DN que circula todas as primeiras segundas de cada mês, um *site* com atualização diária e páginas de atualidade no DN, sempre escrito em português do Brasil.

António Comprido
"Sem as petrolíferas dificilmente se fará a transição energética"

ENTREVISTA Para o secretário-geral da Associação das Empresas Portuguesas de Combustíveis e Lubrificantes (Epcol) "é um erro" impor a eletrificação como "via única" para a descarbonização. O setor está "empenhado" na transformação, através de combustíveis de baixo teor de carbono.

TEXTO **ILÍDIA PINTO**

A transição energética é uma das grandes prioridades na Europa. Qual é o papel das petrolíferas neste caminho?
As petrolíferas são cada vez mais empresas de energia. Embora o petróleo e o gás continue a ser o seu principal negócio, elas têm diversificado o portefólio, com investimentos muito significativos em renováveis. Produzem combustíveis com menor teor de carbono, como os biocombustíveis, nomeadamente os avançados, que são adicionados aos de origem fóssil, contribuindo para a sua descarbonização, os combustíveis sintéticos, já em uso no Campeonato Mundial de *Rallies* e na Fórmula 1, mas também em eletricidade renovável, no fotovoltaico, nas eólicas depende da estratégia de cada um. E estas empresas têm três características essenciais para esta transição.
Quais são?
Têm quadros altamente qualificados, recursos técnicos indispensáveis, têm músculo financeiro, que lhes permite gerar os fundos necessários aos novos investimentos, e têm resiliência. Já cá estão há mais de um século e têm intenções de ficar por mais outro. Não são empresas que aparecem e desaparecem ao sabor das marés, aprenderam a viver e a ultrapassar grandes crises, e isso é um fator também a ter em conta. Por fim, grande parte da energia que hoje consumimos é fornecida por esta indústria – dizer que ela não faz parte da transição parece uma contradição. Se queremos que ela aconteça temos de ter esta indústria comprometida e envolvida nessa discussão e não ostracizada e hostilizada como acontece com algumas visões menos realistas do que deve ser a transição energética.
E está envolvida?
Está bastante empenhada nessa transformação, designadamente descarbonizando as suas próprias emissões, com o sequestro de CO^2, com a redução das emissões de metano ou substituindo hidrogénio cinzento por hidrogénio verde. Há imensa coisa que está a ser feita. Há que não esquecer que esta indústria fornece todos os setores económicos. No caso específico dos transportes, falar da sua descarbonização ignorando o setor que fornece 97% da energia consumida é um erro crasso.
Porquê?
O esforço de descarbonização nos transportes tem sido basicamente à custa da incorporação, nos combustíveis de origem fóssil, de biocombustíveis cada vez mais avançados, obtidos a partir de resíduos, dando um impulso à economia circular. Temos de fazer parte da transição energética porque, sem esta indústria, dificilmente se conseguirá fazer essa transição. Um dado adicional: só 25% da energia final consumida no mundo é eletricidade. E ela é inaplicável a muitos setores, nomeadamente nos transportes de longa distância, seja aéreo ou rodoviário. Não nos devemos deixar enganar ou criar mitos de que vamos resolver tudo apenas eletrificando os consumos, porque é um caminho que se vai continuar a fazer, com passos seguros e concretos, mas não é o único.

> *"Não devemos criar mitos de que vamos resolver tudo eletrificando os consumos, porque é um caminho que se vai continuar a fazer, mas não é o único. A eletricidade é inaplicável aos transportes de longa distância."*

Há preconceitos contra as petrolíferas? É possível viver-se sem combustíveis fósseis?
É, podemos voltar à idade das cavernas se quisermos. Nós advogamos uma transição e não uma disrupção. Uma disrupção, como alguns advogam, que levasse a uma paragem imediata da exploração de novas bacias de hidrocarbonetos para a produção de combustíveis fósseis iria provocar um choque tão grande na economia mundial que ia trazer atrás de si conflitos sociais, problemas graves alimentares, doenças... é impensável. Nós vamos ter de continuar a usar combustíveis fósseis, mas com o grande objetivo de eles serem cada vez menos de origem fóssil e mais de origens diferentes, ou biológica, a partir de resíduos, de várias espécies, ou de origem sintética, combinando o CO^2 com hidrogénio, produzindo combustíveis com moléculas muito semelhantes. Com uma outra grande vantagem, que é aproveitar grande parte das infraestruturas existentes.
É possível reconverter as refinarias?
É preciso investir, mas é possível. Todo o sistema de armazenagem e distribuição de combustíveis pode ser aproveitado. Repare que a segurança para acudir a períodos de interrupção de fornecimento, seja por razões políticas, desastres naturais, conflitos armados, etc., é hoje garantida através dos combustíveis líquidos. De acordo com as regras da Agência Internacional de Energia e as próprias diretivas da Comissão Europeia, os países têm de ter 90 dias assegurados de consumo em combustíveis líquidos, não é possível tê-lo em mais nenhuma outra fonte de energia. Esse é um papel muito importante [que temos] e isso consegue-se com as instalações atuais, com a estrutura atual, com os empregos atuais e, muito importante, dando liberdade de escolha aos consumidores. Há uma década tínhamos combustíveis 100% fósseis, agora já têm 10% de energia renovável incorporada e essa fatia pode ir aumentando até chegar aos 100%, não sendo preciso mudar de carro ou os equipamentos que temos em casa. Isto sem prejuízo do desenvolvimento de novas tecnologias, sejam elas a eletrificação, o uso do hidrogénio, e outras que vão aparecendo. Mas numa lógica de transição e não de disrupção.
Por que é que só há 10% de incorporação de biocombustíveis e não 50% ou mais?
Já há no mercado combustíveis 100% renováveis. Mesmo em Portugal já são disponibilizados equivalentes ao gasóleo que são 100% renováveis, de origem biológica, que é o caso do B100 e do HVO, mas que, devido à regulamentação, só podem ser utiliza-

REINALDO RODRIGUES / GLOBAL IMAGENS

dos em frotas dedicadas, não podem ser abastecidos livremente pelo público. A Alemanha, há poucas semanas, democratizou o uso do HVO para ser comercializado em todos os postos de combustível. Às vezes há entraves regulamentares, mas a tecnologia já existe. Depois há uma questão de escala, de preço, questões que vão ter de ser resolvidas com tempo.

Há capacidade para abastecer o mundo de combustíveis sintéticos? Qual o custo da sua produção em massa?

A massificação traz escala e reduções de preços. A política europeia tem dito que os combustíveis sintéticos e os biocombustíveis devem ser reservados para a aviação e para a Marinha, onde é difícil eletrificar. Mas temos um problema de escala. O grande consumidor de energia nos transportes é o transporte rodoviário. Se não o usamos para criar escala, vamos produzir esses combustíveis a um preço completamente irracional. O que é que vai acontecer à aviação internacional? Ou se proíbe que voem para a Europa ou eles vão-se abastecer fora da Europa. Nos navios a mesma coisa. Depois há a questão da medição das emissões. Ao dizer que as emissões têm de ser zero no tubo de escape, a Comissão Europeia está a dizer aos construtores automóveis e de camiões que tem de ser tudo a baterias elétricas. É uma falácia. As emissões deviam ser contabilizadas em ciclo de vida completo, incluindo as emissões na produção da energia, no seu consumo, mas também as emissões resultantes da procura e da mineração dos materiais necessários à construção dos veículos, o processo de construção e até do posterior desmantelamento dos veículos.

"Deixar os combustíveis sintéticos e os biocombustíveis para aviação e Marinha cria um problema de escala. Vamos poder produzi-los, mas a um preço completamente irracional."

É um entrave?

É, porque os combustíveis sintéticos vão ter emissões no tubo de escape, embora possam ser praticamente nulas em ciclo de vida completo. Se vão proibir veículos que tenham emissões no tubo de escape, os investidores pensam que não vale a pena estar a desenvolver combustíveis sintéticos. Há aqui um erro de visão, de definição de estratégias. As decisões deviam ser mais neutras do ponto de vista tecnológico. Deviam respeitar a neutralidade tecnológica e depois deixar à economia e aos consumidores a escolha das melhores soluções. Nunca alienando o objetivo de chegar a emissões líquidas zero em 2050, mas não impondo um caminho.

"Se não criarmos condições para produzir os combustíveis sintéticos cá, vamos ter de os importar. A Europa não se importa que haja lixo, quer é que seja feito no quintal dos outros."

O da mobilidade elétrica?

A eletrificação vai ter um papel crescente, mas é uma via que tem que ser complementada com outras. Ter uma via única é perigoso. Isto é utópico, mas suponhamos que temos uma economia completamente baseada na eletricidade e há um apagão, como acontece de vez em quando. A própria Comissão Europeia reconhece isso dizendo que há exceções à obrigatoriedade de usar veículos com zero emissões à saída do tubo de escape para os bombeiros, proteção civil, forças militares, forças de segurança, etc.. Precisamos de criar condições que permitam que haja escala para se reduzirem os preços, senão, haverá, tecnologicamente, a possibilidade de os produzir, mas porque só se destinam a setores específicos, terão um preço brutal. Ou, então, deixa de haver condições para os produzir na Europa e vamos importá-los. Que já foi o que aconteceu com muitas das nossas indústrias. Continuamos a consumir aço e muitas outras coisas que antigamente eram produzidas na Europa e agora são produzidas fora. Com benefício para o clima? Para os direitos humanos? Para o ambiente? A Europa não se importa que haja lixo, quer é que seja feito no quintal dos outros.

Acredita que os motores de combustão terminam em 2035?

Não, até porque há uma interpretação errada do que diz a legislação. A legislação o que diz é que a partir de 2035 todos os veículos introduzidos no mercado têm de ter emissões zero à saída do tubo de escape, que é uma maneira errada de tratar o problema das emissões, porque deve olhar-se para o ciclo de vida completo. Há uma recomendação da própria regulamentação para a Comissão Europeia analisar isso, fazer um estudo e ver como é que poderiam ser utilizados combustíveis que levassem a emissões zero nos motores de combustão interna. Já há testes que põem um motor de combustão interna a trabalhar com hidrogénio. Nesse caso, as emissões à saída do tubo de escape são vapor de água.

Tem dito que faltam incentivos para a descarbonização das petrolíferas. De que tipo?

Não estamos a falar de apoios, estamos a pedir que não nos criem obstáculos. Ainda há dias alguém dizia que a banca não deve emprestar nem mais um tostão às empresas petrolíferas, quando todos nós sabemos que, para manter a segurança do abastecimento, tem de se substituir reservas. É impossível parar o investimento, as empresas vão ter de continuar a aceder a fontes de financiamento. Não nos criarem obstáculos. Queremos incentivar a utilização de misturas cada vez mais ricas, seja de biocombustíveis ou combustíveis sintéticos com os fósseis, para fazer a transição de uma maneira progressiva e segura, mas porque se continua a utilizar uma parte fóssil não tem direito a ter financiamentos? Não estamos a pedir subsídios, estamos a pedir que não sejamos discriminados negativamente e que não nos proíbam de aceder a fontes de financiamento.

Que medidas gostaria de ver no Orçamento do Estado?

Que se facilitasse a venda generalizada de combustíveis de baixo carbono, com misturas mais ricas na gasolina e no gasóleo. E que não se discrimine, no aspeto fiscal, alguns produtos, como as botijas de gás, que são a forma mais democrática de levar energia às populações que não têm gás natural. A redução do IVA devia abranger todas as formas de energia e não apenas algumas. E gostávamos que houvesse um Plano Nacional para os Combustíveis de Baixo Carbono.

ilidia.pinto@dinheirovivo.pt

Ghoncheh Tazmini
"Pezeshkian vai tentar corrigir a fratura entre Estado e sociedade"

IRÃO A investigadora anglo-iraniana diz que a vitória do candidato moderado, que vai tomar posse em agosto, foi uma surpresa que deve ser aproveitada quer ao nível doméstico, quer ao nível internacional.

ENTREVISTA **CÉSAR AVÓ**

Ghoncheh Tazmini saiu do Irão com 2 anos, quando a sua família emigrou para Inglaterra, antes da Revolução Islâmica de Khomeini depor o regime do xá Pahlavi. Especialista em relações russo-iranianas, a politóloga vive entre as ilhas britânicas e Portugal.

Desta vez o regime permitiu que um candidato moderado [Masoud Pezeshkian] se candidatasse. Porquê?
O Conselho de Guardiães seleciona todos os candidatos e desta vez compreenderam que era necessário apaziguar e aproximar-se da sociedade. Foi também uma forma de aumentar a participação, de levar os eleitores às urnas, claro. Mas o facto de terem permitido a entrada de alguém com uma orientação reformista mostra que têm a consciência do que é necessário. Compreenderam que precisavam de um candidato que apelasse àqueles que sentem que não têm voz, que os seus interesses não foram satisfeitos, que estão mais preocupados com a sociedade civil, com as suas liberdades e restrições sociais e por aí fora.
Foi o reconhecimento de um erro na eleição anterior, ao não terem permitido outro tipo de candidato?
Não havia nenhum, mas também é preciso ter em conta a conjuntura geopolítica. Não sei dizer por que é que o Conselho de Guardiães aprova determinados candidatos, mas nessa altura, provavelmente, a sobrevivência do regime estava no topo da agenda, especialmente com a revogação do acordo nuclear, as políticas muito agressivas dos Estados Unidos e a instabilidade regional. A principal prioridade nessa altura não eram as liberdades civis ou a sociedade civil. Tratava-se de manter, de fomentar a força do Irão a nível regional. Tratava-se de trazer um presidente com uma mente mais aberta, no sentido em que não estava apenas a olhar para o Ocidente, porque o Governo de [Hassam] Rouhani estendeu a mão ao Ocidente e teve como resultado um acordo nuclear rasgado. Assim, o que [Ebrahim] Raisi fez, ou o presidente que o Irão apresentou nessa fase, foi uma viragem para o Oriente. Não foi uma mudança total, mas foi ele quem supervisionou a adesão do Irão aos BRICS+, à Organização para Cooperação de Xangai e a outras organizações regionais. Uma espécie de abordagem multipolar da diplomacia. Assim, nesse momento específico, muito provavelmente, os que estão por detrás do pensamento do Conselho de Guardiães, precisavam de alguém que tivesse uma abordagem mais conservadora.

> *"Foi reconfortante saber que os elementos democráticos do Irão, apesar de estarem numa forma muito incipiente ou em desenvolvimento, estão presentes. E foram mestres na gestão de crises."*

A vitória de Pezeshkian foi uma surpresa para si?
Sim. Todos os meios de comunicação social sugeriam que o favorito do guia supremo era [Saeed] Jalili, que ele queria alguém que mantivesse essa política de linha dura, esse tipo de mentalidade. Fiquei agradavelmente surpreendida com o facto de não ter sido o guia supremo a dizer que tinha de ser Jalili, foi o voto popular. Foi reconfortante saber que os elementos democráticos do Irão, apesar de estarem numa forma muito incipiente ou em desenvolvimento, estão presentes. E também foram mestres na gestão de crises, conseguiram fazer tudo isto em poucas semanas [após a morte de Raisi]. É um sistema democrático híbrido, mas tem elementos democráticos. Fazendo de advogada do diabo, porque é que não manipularam as urnas e colocaram alguém da linha dura? Por isso, sim, fiquei agradavelmente surpreendida.
O que pensa do texto que Pezeshkian escreveu (*Mensagem para o novo mundo*) já depois de eleito?
Continuidade no meio da mudança. Ele está a propor que haja uma mudança no estilo e na substância da liderança, com mais empenhamento, mais diálogo. É evidente que ele quer abordar as questões que prejudicaram as pessoas, que as isolaram, que conduziram à apatia. Está a tentar corrigir essa fratura entre o Estado e a sociedade, e deixa isso bem claro. Mas há outras políticas que sugerem continuidade. Uma questão que considero importante é a manutenção do equilíbrio entre o Ocidente e o Oriente. Referiu-se também ao pai da revolução [Khomeini], que disse "nem Oriente, nem Ocidente". O que significa que ele quer equilibrar as coisas. Não está a fechar a porta ao Ocidente, mas ao mesmo tempo não vai correr atrás do Ocidente. Vai promover as organizações regionais multipolares, a relação com o Sul Global. Ao mesmo tempo, terá uma abordagem diferente. É como dar nova vida ao sistema, dar esperança às pessoas. Vai também combater a inflação. Essa é uma das coisas que ele sublinhou, o que é crucial. O povo está a lidar com uma taxa de inflação de 40%. E isso só mostra que sabe o que está no topo da agenda das pessoas.

REINALDO RODRIGUES / GLOBAL IMAGENS

“A revolução é inegociável. Tudo o resto tem de ser trabalhado a partir deste ponto de partida. Se o Ocidente envolver Pezeshkian poderá ser uma oportunidade para aprender com os erros do passado.”

Será difícil por causa das sanções.
Pezeshkian disse que vai promover o setor privado e tentar promover uma maior liberalização do mercado. Vai tentar também neutralizar o efeito das sanções. Não é possível anular o efeito das sanções, mas é preciso encontrar uma forma de as contornar. E penso que o que ele quer fazer é realmente tentar rever o acordo nuclear e ver se consegue baixar a tensão, permitindo que isso se repercuta noutras áreas da economia. Penso que, nesta fase, ainda não sabemos exatamente qual a direção que vai tomar.

E quanto às liberdades civis e a repressão?
Pezeshkian deixou isso bem claro com a tragédia que aconteceu em torno da morte de Mahsa Amini. Enquanto deputado manifestou-se bastante sobre o assunto. O que ele prometeu foi mais debate sobre a questão do *hijab*, mais debate sobre a polícia da moralidade. E também falou sobre o facto de muitas pessoas estarem preocupadas com a internet nacional. Muitas pessoas ganham o seu dinheiro, o seu sustento com a internet, pequenas empresas, e é muito importante poder ter uma internet livre. Sugeriu que vai reduzir a repressão ou aliviar as restrições. Vai ser uma questão de envolvimento com elementos conservadores, pragmáticos, tecnocratas, reformistas, moderados. Trazer toda a gente para o seio da comunidade e abrir o debate. É uma forma mais suave de diálogo, de envolvimento, de que o Irão precisa neste momento. É uma forma de reconciliação entre o Estado e a sociedade, um diálogo nacional.

Mas a última palavra é sempre do guia supremo, Ali Khamenei.
É verdade, mas se a última palavra é do guia supremo e temos Pezeshkian, então isso também é um reflexo de que talvez haja alguma flexibilidade e talvez o regime compreenda que algumas coisas precisam de acontecer para se preservar. É um sinal positivo.

As relações russo-iranianas vão continuar a intensificar-se?
A relação entre a Rússia e o Irão sempre foi muito complicada, mas no fundo têm interesses e preocupações semelhantes. Ambos têm aquilo a que chamo convergência ideológica, a mentalidade de que o comportamento do Ocidente se baseia na hipocrisia, que quer exportar a revolução, destruir os sistemas existentes, e que tem dois pesos e duas medidas. Tanto a Rússia, como o Irão estão alinhados no sentido em que têm preocupações de segurança ontológicas, querem preservar-se, e promoveram a sua cooperação com base nesta convergência ideológica, neste tecido que os une. Encontraram uma base para cooperar em muitos domínios, alguns até controversos. Mas, na verdade, não havia muitas opções para o Irão.

A cooperação militar vai prosseguir?
Claro que sim. Continuarão a existir vendas de armamento e coisas do género. Ironicamente, agora é o Irão que as vende. É controverso porque se trata da Ucrânia. Mas penso que esta vai ser uma tendência até que o discurso, a narrativa com o Ocidente mude.

Crê que num futuro próximo o regime possa sofrer uma grande mudança?
Não. Penso que já foi provado que o regime é resistente. Tem havido ciclos de protestos, ondas, de vez em quando, e o sistema mantém-se intacto.

Um pouco como a Rússia?
Bem, não vou comparar o Irão com a Rússia, porque são ambos muito diferentes e muito complexos. Mas o que eu diria é que eles sobreviveram. E têm sido mestres na gestão de crises. As pessoas precisam de perceber que, se querem que a mudança aconteça, não é com uma mudança de regime. Não passa por uma intervenção militar, como vimos na Líbia, na Síria e nos desastres no Iraque, tem de vir de dentro. Tem de vir de baixo. O sistema tem de perceber que tem de se abrir um pouco. Pode demorar décadas, mas é a única forma de o fazer. Caso contrário, só veremos derramamento de sangue. Aqueles que afirmam que querem que o Irão se democratize têm as mãos cheias de sangue. A sociedade precisa de ser envolvida. Não pode continuar a ser alienada. Precisa de ser ouvida. Foi o que aconteceu durante a presidência de Sayyid Mohammad Khatami, durante oito anos. Ele tinha a bandeira do diálogo das civilizações e acabámos por ser incluídos no eixo do mal. Foi essa a reação do Ocidente ao seu ramo de oliveira. Depende muito da reação da comunidade internacional a Pezeshkian. Se continuarem a falar de mudança de regime e a fomentar todos estes grupos da diáspora que pretendem intervenções militares, não vai resultar.

Estava a pensar em mudanças internas.
As mudanças internas serão subtis, mas palpáveis. Penso que o mais importante é abordar a economia, porque é algo que está a atormentar as pessoas. Se pensarmos no grupo de pessoas que está mais preocupado com o *hijab*, não é todo o país. Há outras pessoas que precisam de pôr pão na mesa. E para elas é a taxa de inflação de 40%, é a desvalorização da moeda, as liberdades civis são secundárias. Eu diria que há três coisas. Uma são as liberdades civis, a outra são as relações internacionais, talvez deixando a porta aberta ao Ocidente, e a terceira é a economia do Irão.

E quanto ao papel das mulheres na sociedade?
Penso que as mulheres têm de ser mais ativas na sociedade. Estatisticamente, temos mais mulheres nas universidades do que homens. Se olharmos para as coisas estatisticamente, podemos dizer que as mulheres estão presentes, que as mulheres têm um papel social, mas que precisam de ser mais ativas.

Não em cargos de poder.
Há vice-ministras, há deputadas.

Mas em número muito reduzido.
Sim, ainda é baixo. Claro que essa é uma área que precisa de ser promovida. Talvez Pezeshkian o faça. O sistema, se não estivesse tão preocupado em preservar-se a si próprio, e em não se tornar noutra Síria, facilitaria tudo. É como um jogo de futebol, quando se baixa o ritmo do jogo, vai-se afetar inadvertidamente outros grupos, minorias que foram alienadas. As questões existenciais são reais para o Irão. E, como já disse, chamo-lhes questões de segurança ontológica porque é a própria natureza do regime islâmico, a revolução, que está em causa. O regime quer preservar-se a si próprio. Querem reconhecer que a revolução aconteceu, e isso é inegociável. Tudo o resto tem de ser trabalhado a partir desse ponto de partida. Acredito que se o Ocidente envolver Pezeshkian, esta poderá ser uma oportunidade para aprender com os erros do passado, com o que aconteceu durante a liderança de Khatami, e para deixar de tratar o Irão como um vilão, um Estado pária. E então talvez internamente não haja toda esta missão de tentar controlar, de reprimir. As mulheres, os homens, os jovens, vivem vidas muito normais no Irão, para além do exterior, para além do véu. Vivem como os europeus. Presumo que o regime saiba isso.

cesar.avo@dn.pt

AFP

Mísseis atingiram depósitos de combustível do Porto de Hodeida.

Houthis ignoram advertência israelita e ameaçam com "resposta enorme"

IÉMEN Após inédito ataque aéreo de Telavive, grupo aliado do Irão lançou míssil balístico, mas foi intercetado.

Os rebeldes iemenitas ameaçaram Israel com uma "resposta enorme" ao seu bombardeamento do Porto de Hodeida, que continua em chamas, numa nova escalada regional de violência, derivada do conflito na Faixa de Gaza.

Um dia depois de os *houthis* lançarem um ataque mortal com *drones* em Telavive, a Força Aérea israelita bombardeou, no sábado, o Porto de Hodeida, controlado pelos rebeldes, no oeste do Iémen. O bombardeamento atingiu depósitos de combustível e gruas, tendo matado seis pessoas e deixado dezenas de feridos, segundo os *houthis*. De acordo com as forças israelitas, a zona portuária atacada era usada para o "fornecimento de armas do Irão ao Iémen", como "o *drone* utilizado" contra Telavive.

No domingo, os bombeiros ainda tentavam apagar o enorme incêndio provocado pelos mísseis disparados pelos caças israelitas no porto, que é também usado para fazer chegar combustível e ajuda humanitária.

O grupo apoiado pelo Irão reiterou as suas ameaças contra Israel. "A resposta à agressão israelita contra o nosso país é inevitável e será enorme", alertou Yahya Saree, porta-voz militar dos *houthis*. O seu chefe, Abdul Malik al Huthi, declarou que os bombardeamentos levariam a "novos ataques contra Israel".

O ministro da Defesa israelita, Yoav Gallant, alertou na véspera que o seu Exército agiria novamente contra os *houthis* se eles "ousassem atacar" o seu país. Após o bombardeamento do porto, o primeiro reivindicado por Israel no Iémen, as forças israelitas anunciaram a interceção de um míssil disparado do Iémen em direção à cidade de Eilat, nas margens do Mar Vermelho. Yahya Saree confirmou o lançamento de mísseis contra essa cidade.

O Governo iemenita, reconhecido pela comunidade internacional e que, desde 2014, combate os *houthis* com a ajuda da Arábia Saudita, condenou os bombardeamentos de Israel, mas também disse que os rebeldes não deveriam arrastar o país para "batalhas absurdas que servem aos interesses do regime iraniano e do seu projeto expansionista".

As forças israelitas realizaram uma grande operação em Rafah, no sul do território, com intensos bombardeamentos e combates contra o Hamas.

Na frente libanesa, o Exército israelita bombardeou dois depósitos de "armazenamento de armas do Hezbollah" no sul do Líbano, ao que o movimento xiita libanês respondeu com disparos de foguetes contra o norte de Israel.

DN/AFP

BREVES

Zelensky vê fim da guerra ainda este ano

O presidente ucraniano acredita que, com pressão internacional em Moscovo, será possível pôr fim "à fase mais quente da guerra" até ao final do ano, em resultado de uma futura cimeira para a paz como a realizada na Suíça, mas desta vez com a presença da Rússia. No entanto, na entrevista concedida à BBC, disse que, apesar da importância vital de salvaguardar o máximo de vidas, "isso não significa que se possa ceder-lhes 30% do nosso território", referindo-se à Rússia.

Esta nova abordagem do líder ucraniano levou o autarca de Kiev, Vitali Klitschko, a dizer também em entrevista, mas ao *Corriere Della Sera*, que "o presidente arrisca-se a um suicídio político".

Putin dá apoio "inquebrantável" à Síria

O presidente da Rússia, Vladimir Putin, manifestou ontem o seu apoio "inquebrantável" ao Governo do seu homólogo na Síria, Bashar al-Assad, para assinalar os 80 anos de relações diplomáticas entre os dois países.

Num telegrama enviado a Bashar al-Assad, Vladimir Putin elogiou "a grande experiência" conquistada por Moscovo e Damasco, ao longo das últimas décadas, e "os sucessos obtidos na luta contra as forças do terrorismo internacional em território sírio".

Na mesma mensagem, o presidente russo sublinhava ainda que o fortalecimento da relação entre a Rússia e a Síria contribuiu para a paz e para a estabilidade regional e internacional.

"Eu sei que todos queriam que o Rafa vencesse, mas algo ainda maior aconteceu"

TÉNIS Nuno Borges venceu o seu primeiro torneio ATP. Na Suécia perante Rafael Nadal, que já foi o "rei da terra batida", o atual N.º 1 português e 51.º do Mundo não vacilou e venceu por 6-3 e 6-2. Hoje vai subir a 42.º no *ranking*.

TEXTO **CARLOS FERRO**

"É uma loucura. No ténis, às vezes, nem tudo acontece quando se espera." Nuno Borges estava "muito emocionado" depois de ter derrotado o espanhol Rafael Nadal na final do torneio de ténis de Båstad (Suécia) em dois *sets* (6-3 e 6-2) no que foi a sua primeira conquista num Torneio ATP.

No *court* o tenista português foi parco em declarações chegando ao ponto de confessar: "Nem sei o que dizer." Mas, depois, lá acrescentou: "Acho que desejava este momento há algum tempo."

E ainda teve tempo para uma frase em jeito de homenagem ao atleta que esteve do outro lado do *court* durante uma hora e 27 minutos: "Eu sei que todos queriam que o Rafa vencesse, uma parte de mim também queira que isso acontecesse, mas algo maior aconteceu."

Nesta troca de elogios, Rafael Nadal, que disputou ontem a sua 131.ª final, 72.ª em terra batida, deu os parabéns ao português: "Jogaste muito bem durante toda a semana, mereces isto, mais do que qualquer um. Parabéns, aproveita o momento, é sempre especial ganhar um título."

Ontem, Nadal, que atualmente é o N.º 261 do *Ranking* Mundial, não foi capaz de se impor num terreno onde durante muitos anos foi rei e acabou por perder para o N.º 1 português e 51.º da classificação ATP – que deverá subir hoje à 42.ª posição.

A final começou com um Nuno Borges forte a entrar no primeiro parcial a vencer por 2-0 conseguindo quebrar o serviço de Nadal.

Os quatro jogos seguintes foram marcados por muitas falhas dos dois tenistas que valeram consecutivas quebras de serviço de um e de outro, até que o atleta nascido na Maia a 19 de fevereiro de 1997 não desperdiçou o seu jogo de serviço e fez 5-2, antes de fechar o primeiro *set* com o triunfo por 6-3.

O equilíbrio foi-se mantendo durante o segundo parcial, mesmo com o N.º 1 Nacional praticamente a "despachar" Nadal no segundo jogo, acabando por ganhar vantagem no quinto, quando quebrou o serviço do maiorquino e se colocou em posição dominante. A partir desse momento, o antigo N.º 1 Mundo não mais conseguiu equilibrar o jogo e Nuno Borges triunfou nos três jogos seguintes – um deles com nova quebra de serviço – para fechar em 6-2 o segundo *set* e garantir a sua primeira vitória num Torneio ATP.

Nuno Borges beija o seu primeiro troféu ATP, conquistado em Båstad, Suécia.

EPA / BJORN LARSSON ROSVALL

Nuno Borges e Rafael Nadal com os prémios ganhos.

EPA / BJORN LARSSON ROSVALL

Com esta vitória, Nuno Borges tornou-se o segundo tenista português a conseguir tal feito depois de João Sousa ter ganho em Kuala Lumpur (2013), Valência (2015) e Estoril Open (2018).

O agora detentor do título de Båstad obteve o seu primeiro troféu em 2021 no *Challenger* de Antalya, no ano seguinte conquistou a final de pares do Estoril Open (Francisco Cabral) e, a 12 de setembro, alcançou a 93.ª posição no *Ranking* ATP ficando pela primeira vez no *Top*-100. Em 2023 alcançou a quinta vitória num torneio *Challenger* – o Maia Open – e este ano chegou aos oitavos-de-final do Open da Austrália e no *Masters* de Roma, chegou aos 50 primeiros na classificação ATP e ganhou ontem a final em Båstad.

Ontem, pouco depois de terminar o torneio na Suécia, Nuno Borges recebeu as felicitações do primeiro-ministro, Luís Montenegro, numa mensagem na rede social X: "Assisti à transmissão televisiva da imperial vitória de Nuno Borges frente ao mítico Rafael Nadal, conquistando o seu primeiro Torneio ATP em ténis. Um orgulho e mais uma demonstração da qualidade do nosso desporto. Parabéns, Nuno Borges".

Já o presidente Federação Portuguesa de Ténis (FPT) considerou que a vitória de Nuno Borges tornou este domingo num "dia muito feliz para o ténis português".

"Com esta vitória, vai bater o seu recorde em termos de *ranking*, subindo ao lugar 42 na próxima segunda-feira e, portanto, acho que é um momento muito importante para o ténis português", sublinhou o presidente da FPT.

Com LUSA

Tadej Pogacar (*centro*), com Jonas Vingegaard (*esq.*) e Remco Evenepoel (*dir.*). O pódio do *Tour* 2024.

EPA / SEBASTIEN NOGIER

Pogacar, o *canibal* insaciável consagrado rei do *Tour*

VOLTA A FRANÇA Esloveno da UAE Emirates que joga sempre ao ataque venceu a prova pela terceira vez, com o português João Almeida, seu companheiro de equipa, a terminar na quarta posição.

TEXTO **ANDRÉ CRUZ MARTINS**

Era só a confirmação oficial que faltava e que chegou depois da última etapa: Tadej Pogacar (UAE Emirates) foi consagrado o vencedor do *Tour de France*, depois de ter vencido o contrarrelógio, somando a sexta vitória nesta edição. Foi a terceira vez que o esloveno ganhou a mais emblemática prova de ciclismo mundial, depois dos triunfos de 2020 e 2021, sucedendo ao dinamarquês Jonas Vingegaard, vencedor em 2022 e 2023. O português João Almeida terminou na 4.ª posição.

O líder da UAE Emirates ultrapassou, assim, com limpeza impressionante a derrota no *Tour* do ano passado, no qual foi 2.º classificado, tendo dito, no final, a célebre frase: "*I'm gone. I'm dead*" ("*Já fui, estou morto*").

Nesta derradeira etapa, com partida no Mónaco e chegada em Nice e que teve emblemática passagem pelo mítico Circuito do Mónaco, Pogacar foi fiel a si mesmo e atacou do início ao fim. E alguém acreditaria que pudesse ser diferente? O esloveno realizou um *Tour* assombroso, ele que na penúltima jornada já tinha destronado Eddy Merckx como ciclista que mais vezes vestiu a camisola amarela, em Grandes Voltas, na mesma época.

A forma como o ciclista esloveno de 25 anos se mostra insaciável, querendo ganhar todas as etapas, tem levado a críticas por parte de grandes figuras da modalidade, como por exemplo Lance Armstrong. "As outras equipas não gostaram, os fãs também não gostaram... e ele está a correr contra um belga, Remco Evenepoel, e um dinamarquês, Jonas Vingegaard, dois grandes países no ciclismo. Foi um enorme erro da sua parte, foi desnecessário", referiu, depois da vitória de Pogacar na 19.ª etapa.

Este estilo é diametralmente oposto ao do rival Jonas Vingegaard, o vencedor das duas anteriores edições do *Tour*, bem mais conservador, atacando apenas nas alturas-chave. "Até eu já nem sei porque ataco", confessou Pogacar após a 17.ª etapa, enquanto lançava um grande sorriso.

Tadej Pogacar tem assim confirmado a previsão feita há três anos pelo lendário Eddy Merckx. "Ele pode ser o novo *Canibal*", ele que foi o *Canibal* original. O esloveno já leva 84 triunfos na carreira, além de três Voltas à Lombardia, duas Liège-Bastogne-Liège, duas *Strade Bianche*, ou a trilogia Volta a Flandres, *Amstel Gold Race* e *Flèche Wallone*, em 2023.

E agora, o que se segue para o insaciável esloveno? Depois dos triunfos no *Tour* e no *Giro*, irá à *Vuelta*, para tentar tornar-se no primeiro ciclista a vencer as três grandes Voltas no mesmo ano? "É 99% impossível", reconheceu em tempos. Mas se há ciclista para quem a palavra impossível parece não dizer grande coisa é ele…

A trilogia de João Almeida e a despedida de Cavendish

Entretanto, João Almeida, companheiro de equipa de Pogacar na UAE Emirates, confirmou ontem o 4.º lugar final no *Tour*, tendo-se tornado no primeiro português a conseguir terminar as três Grandes Voltas mundiais nos cinco primeiros lugares: além deste 4.º posto no *Tour*, foi 3.º e 4.º no *Giro* e 5.º na *Vuelta*. Por outro lado, apenas Joaquim Agostinho fez melhor do que ele na Volta ao França, ao ter sido 3.º em 1978 e 1979.

"Este *Tour* foi uma loucura. Parabéns para Pogacar e para nós, fizemos um trabalho perfeito e podemos estar orgulhosos. É especial fazer parte disto", referiu no final da última etapa.

João Almeida, que completa 26 anos em agosto, quase nem vai ter tempo para respirar, preparando-se agora para entrar em ação nos Jogos Olímpicos de Paris.

A derradeira etapa da Volta a França ficou ainda marcada pelo facto de ter provavelmente sido a última corrida de Mark Cavendish. O *sprinter* britânico, de 39 anos tinha terminado a etapa da véspera em lágrimas, mas agora surgiu mais calmo, enquanto era alvo de grandes manifestações de carinho por parte do público. "Tinha libertado grande parte das minhas emoções ontem [anteontem]. Hoje foi para desfrutar", referiu, instantes depois de ter terminado o contrarrelógio sem grandes pressas, cumprimentando com a mão o público. Recorde-se que nesta edição, Cavendish desempatou com Eddy Merckx como recordista de vitórias em etapas na Volta a França, tendo atingido os 35 triunfos.

Com LUSA

Benfica bate Almería ao ritmo de Pavlidis e Leonardo

O Benfica venceu por 3-1 o Almería, equipa recém-despromovida à II Liga Espanhola, em jogo de preparação realizado em França e que contou com Leandro Barreiro e Pavlidis como reforços presentes no onze inicial.

O Almería colocou-se em vantagem aos 23 minutos, contra a corrente do jogo, mas os encarnados não ficaram muito afetados e continuaram a dominar, com Marcos Leonardo e Pavlidis em destaque. Foi esta a dupla que construiu o *lance* do 1-0, com assistência do brasileiro e finalização do antigo futebolista do Az Alkmaar, a bater Luís Maximiano, ex-guarda-redes do Sporting. Destaque ainda para o importante papel de David Neres no início deste belo desenho ofensivo.

Roger Schmidt trocou toda a equipa na segunda parte, com Jan-Niklas Beste a estrear-se e logo com uma assistência para o terceiro golo, da autoria de João Mário. Mas antes, foi Arthur Cabral o autor do momento alto da tarde, com um chapéu perfeito, a fazer passar a bola por cima de Luís Maximiano.

Em traços gerais, assistiu-se a um jogo bastante interessante do Benfica, tendo em conta o momento da (pré) temporada e mais uma vez, Pavlidis mostrou que o clube da Luz pode ter acertado na sua contratação: não tanto pelo golo de fácil execução (já vai em quatro desde que chegou à Luz), mas muito mais pelas boas movimentações na frente, especialmente em combinações com Marcos Leonardo. Quanto ao defesa-esquerdo Nicklas Beste, revelou acerto a defender e critério a atacar, fazendo jus aos números que apresentou na última temporada, no Heidenheim (13 assistências e 8 golos em partidas oficiais).

Natalie Portman vai bem com o *thriller* de época

TELEVISÃO Na pele de uma dona de casa americana dos Anos 60 que decide enveredar pelo jornalismo de investigação, a atriz parece estar nas suas sete quintas numa nova série da Apple TV+. *A Mulher no Lago* já se encontra disponível na plataforma de *streaming*.

TEXTO **INÊS N. LOURENÇO**

Uma frase dita em *off* no início de *A Mulher no Lago* – "Até que o leão consiga contar a sua história, o herói será sempre o caçador" – lança as pistas. Esta é uma série sobre o desejo e a propriedade com que se conta uma história. E talvez também sobre o processo de libertação que esse ato de contar oferece a quem, pela ordem "natural" das coisas (mediante a época), não deveria estar no comando de uma narrativa. Contar a história de outrem é então, neste caso, aspirar a algo mais do que uma existência de dona de casa, correr atrás de uma verdade que pode servir as ambições pessoais e contrariar a estagnação social. Eis o impulso de Maddie Schwartz, uma mulher judia privilegiada que um dia deixa para trás a sua vida familiar aborrecida, e o estatuto serviçal da mãe e esposa doméstica, para ir à procura da matéria da sua emancipação.

Baseada no *best-seller* da jornalista Laura Lippman, *Lady in the Lake* (que por sua vez é inspirado em dois assassinatos ocorridos durante a juventude da autora em Baltimore), a minissérie que se estreia agora na Apple TV+ lança Natalie Portman, em absoluto controlo performativo, num novo território: a televisão. Sendo que, na pele de Maddie, a atriz israelo-americana representa apenas um dos lados deste *thriller noir* de Alma Har'el, que se move sinuosamente entre a noite e o dia na Baltimore de meados da década de 1960.

Embora o ponto de partida seja o desaparecimento de uma menina judia em plena altura das festividades natalícias, o verdadeiro ponto de chegada desta personagem é uma mulher negra, Cleo Johnson (excelente Moses Ingram), cujo contexto socioeconómico em nada se parece com o de Maddie: para sustentar os dois filhos, ela desdobra-se em trabalhos, envolvendo-se também na política, com a esperança de conseguir um cargo assalariado no gabinete daquela que é a primeira senadora negra do estado. Um resquício de otimismo que se evapora quando esta aspiração é travada pelo facto de Cleo, num dos seus ganha-pães, estar ligada a um membro criminoso da comunidade negra, que poderia afugentar o apoio dos patrocinadores brancos...

> A minissérie que se estreia agora na Apple TV+ lança Natalie Portman, em absoluto controlo performativo, num novo território: a televisão.

Apesar de os percursos de Maddie/Portman e Cleo/Ingram serem aqui explorados como universos femininos paralelos, há um momento breve em que esses universos se tocam, quase numa coincidência poética. Acontece logo no primeiro episódio, quando Maddie, com uma mancha na roupa e à pressa para ir ter a um evento, olha distraidamente para um vestido amarelo numa montra chique e entra para o comprar. Entenda-se: a manequim humana que está nessa montra é a própria Cleo (em mais um dos seus empregos), que, perante ausência de um exemplar com a medida certa da cliente, é obrigada a despir-se numa azáfama para servir o pedido. E assim, através de um vestido que passa da pele de uma para a da outra, conectam-se os dois lados de *A Mulher no Lago*.

Natalie Portman, Moses Ingram e a história que as une.

Profissão: jornalista

Depois disso, a série de sete episódios prossegue numa densa linha *noir*, com Maddie a mudar-se para um apartamento numa zona "imprópria" para a sua classe social, e a assumir uma desenvolta postura de investigadora que pouco tem que ver com a papel da dona de casa que até aí a definiu.

No seu novo espaço, ela encontra a licença de que precisava para se dedicar ao que realmente lhe interessa. Uma nova fase que a faz também lidar com fantasmas de um passado oculto, ou segredos enterrados no inconsciente, que ressurgem com o despertar de uma adormecida sagacidade jornalística – sem medo, Maddie andará pelos lugares mais perigosos, falará com gente pouco recomendável, à procura da sua história; ou da história que, não sendo sua, lhe abrirá portas para o futuro. Resta saber quem tem o verdadeiro controlo sobre a narrativa...

Seguindo o manual do *thriller* com uma elegância bastante reconhecível, pelo menos nos primeiros episódios, à medida que avança, o título chandleriano *Lady in the Lake* vai dando lugar a uma abordagem cada vez mais diferenciada, com *flashbacks*, longas sequências de sonhos e interlúdios em estilo de fantasia musical que baralham as coordenadas do género.

De repente, o que era apenas uma agradável peça de época, sustentada por fortes interpretações e uma minuciosa recriação dos Anos 60, passa a sair dos limites da realidade e a desenhar as suas próprias regras.

É porventura esse reflexo de liberdade que destaca esta primeira obra de Alma Har'el como *showrunner*, capaz de fazer fluir as óbvias questões do judaísmo, racismo e sexismo, sem cair na armadilha de uma produção dependente de temas. O mais curioso é que, a retirar-se alguma lição nesse âmbito, será qualquer coisa como isto: nenhuma comunidade é perfeita.

LIVROS DA SEMANA

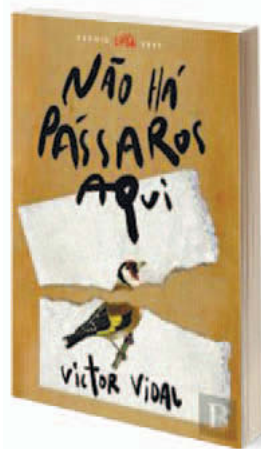
A violência familiar como espinha dorsal de dois romances brasileiros premiados

Dois livros vindos do Brasil, ambos com grandes prémios e várias coincidências.

TEXTO **JOÃO CÉU E SILVA**

À primeira vista nada une os dois romances de Victor Vidal e Stênio Gardel, a não ser que o primeiro foi o vencedor do Prémio Leya 2023 e o segundo do National Book Award [da tradução]. Só esses carimbos já justificavam a leitura de, respetivamente, *Não Há Pássaros Aqui* e *A Palavra Que Resta*. Mas, ao terminar-se a leitura das duas narrativas, encontram-se vários paralelismos inesperados e curiosos entre um e outro romance, além de confirmarem que o Brasil destes livros já pouco tem a ver com o passado recente da literatura brasileira e que os autores se libertaram dos temas recorrentes do século XX.

Os dois autores estiveram recentemente em Portugal para promover os romances e numa conversa simultânea confirmou-se que, além de serem estreantes nestas lides, é bastante real a perceção de terem mais em comum do que poderiam antever em obras escritas em situação muito diversa. Nada que em próximas obras não se altere, devido às temáticas que interessam a cada um e aos seus próprios processos criativos.

Ambos leram os livros um do outro. Gardel concorda com a existência de alguns paralelismos: "Pode haver um diálogo entre os livros no que respeita à violência sofrida pelos protagonistas, mesmo que devido a razões e contextos diferentes, e também em traumas muito definidores da vida dos dois. No meu caso, há um preconceito dentro da própria família e isso influencia-o durante muito tempo. No livro de Vidal, a protagonista também sofre essas marcas e por muito tempo. A gestação é diferente, mas essa situação aproxima os dois livros." Vidal também encontra essa aproximação: "Tanto num, como no outro livro, os protagonistas refletem o peso da violência."

NÃO HÁ PÁSSAROS AQUI
Victor Vidal
D. Quixote
245 páginas

A PALAVRA QUE RESTA
Stênio Gardel
D. Quixote
174 páginas

Escolhe a cidade como cenário no livro premiado pela Leya na edição de 2023

Escolhe o campo como cenário do livro que venceu o National Book Award

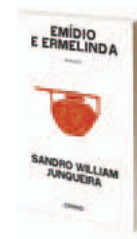
Tanto Raimundo, como Ana, os protagonistas de cada romance, sofrem muita violência devido às suas opções. Será que essa situação resulta da realidade nacional? Para Gardel, não é só o espelho do estado da sociedade: "É uma violência que está muito ligada à experiência de cada um, em muito devido a questões sexuais, e por isso está separada da estrutura social do Brasil. São traumas que podem ocorrer em qualquer lugar do mundo." Para Vidal, a sua história podia estar localizada fora do Brasil: "Mas, vindo de um lugar periférico e pobre do Rio de Janeiro, certamente que essa vivência ajudou a preencher a história. Há situações em que é possível pensar que tem a ver com a violência do país, mas os dois livros poderiam existir noutro lugar, mas aí as personagens seriam muito diferentes."

São fruto de cenários nada parecidos: o campo e a cidade. Para Gardel ainda não existe uma consciência de que, no futuro, se manterá neste cenário: "Nesta história, só poderia colocar o protagonista neste ambiente e numa família arcaica, que carrega muitas tradições patriarcais, machistas, com um grande peso da religião nos comportamentos. Raimundo não é o filho heterossexual que os pais queriam, e essa realidade enquadrada numa comunidade rural concedia mais possibilidades do que numa cidade."

Já a história de Vidal é na cidade e dificilmente caberia noutro cenário: "Muitos dos elementos importantes da história resultam da vivência citadina; de crianças que perambulam por vários lugares da cidade e que se perdem nessas ruas. Poderia situá-la num cenário rural, mas o desenvolvimento da história seria muito diferente. Além de que gosto de explorar as particularidades da cidade, onde há muita gente, mas a pessoa pode sentir-se muito sozinha. Esse é um aspeto fundamental para o que escrevi."

Só poderia ser este o primeiro livro? Vidal tem dificuldade em dizê-lo: "Não há como prever se fosse de outra maneira, até porque já tinha escrito outros romances. Muito do que nos acontece faz parte de um jogo de sorte e, por acaso, tudo culminou para ser este o primeiro. Portanto, pode dizer-se que só poderia ser *Não Há Pássaros Aqui* o primeiro a ser publicado. Se sempre escrevi coisas muito diferentes, no entanto é este que carrega muitos dos elementos que prefiro: a solidão, pessoas que vagueiam pela cidade, amizades formadas em lugares comuns."

Gardel regressa ao início da escrita de *A Palavra Que Resta*: "Essa era a história que me estava mais próxima e foi nela que apostei para publicar um primeiro romance. A escrita do livro permitiu revisitar às minhas experiências e medos, sendo que essa proximidade com o tema influenciou a escolha do tema."

LANÇAMENTOS

EMÍDIO E ERMELINDA
Sandro William Junqueira
Editorial Caminho
151 páginas

HISTÓRIA DE VIDA

Depois de publicar a peça de teatro *Batalha* (2023), Sandro William Junqueira regressa ao romance com *Emídio e Ermelinda*. A partir de memórias próprias e de conversas com a avó, passa a escrito a vida de um homem incorrigível – o que dá o título ao livro –, a quem dizem ter saído. Acrescenta outras histórias, refazendo um país que já não existe e pessoas que também desapareceram; tem muito de ficção, mas mais de real.

CENAS PORTUGUESAS
António Carlos Cortez
Editorial Caminho
270 páginas

HISTÓRIAS DE VIDAS

São dez contos que se seguem ao romance *Um Dia Lusíada* (2022), um dos quais premiado: *País Real, Um Regresso*, que fala de um regresso, o de Camões, bem como de um país real, o de Armando. Em confronto estão o poeta maior e um sapateiro de boa memória. Antes, oito contos, e outro a rematar, com lembranças, acusações e interpretações para o leitor que não aceita apenas uma versão dos factos.

EL-REI, NOSSO SENHOR, SEBASTIÃO JOSÉ
Ana Cristina Silva
Bertrand
358 páginas

UMA VIDA COM HISTÓRIA

Após a ficção romanceada sobre Annie Silva Pais (2022), Ana Cristina Silva volta ao retrato literário com o mítico protagonista Marquês de Pombal. Não é figura fácil, mas a autora faz o seu trabalho e refaz uma vida que se confunde com a História do nosso país. No último parágrafo, no leito da morte, escreve que o marquês ainda "acredita que há um futuro para si"; este livro é prova da sua eternidade.

***Good News*, de Hannes Schilling.**

Em Alfama o cinema sai à rua

FESTIVAL A partir de hoje, até dia 26, o *Cinalfama* está de volta às Escadinhas de São Miguel e Museu do Fado, para mostrar cinema independente ao ar livre. Na sua 3ª edição, o festival apresenta ainda um novo projeto relacionado com o bairro lisboeta.

TEXTO **INÊS N. LOURENÇO**

Nesta época do ano é a céu aberto que o cinema se torna mais atrativo para o público. E de entre as várias propostas que surgem um pouco por toda a parte, o *Cinalfama – Lisbon International Film Festival* distingue-se pela sua especificidade: é uma iniciativa voltada para o cinema independente, com particular sensibilidade social ou comunitária, que tem lugar no coração de um dos mais antigos bairros lisboetas. Até à próxima sexta-feira, há nada menos do que cinco dezenas de filmes para ver, na sua maioria curtas-metragens (31 estreias nacionais e 46 títulos internacionais), todos os dias ao ar livre, nas Escadinhas de São Miguel, e também no Museu do Fado, à tarde.

A abrir esta 3ª edição, o filme *Judgment in Hungary* (hoje, às 21.00 horas) apresenta-se como um olhar reflexivo sobre o julgamento de crimes de ódio contra membros da comunidade cigana – já tinha marcado o arranque do primeiro *Cinalfama* e agora a sua exibição vem enriquecida pela presença da realizadora, a húngara Eszter Hajdú, que estará à conversa com o ativista Rogério Roque Amaro. Um ato de abertura que não deixa de encaixar no tema da integração e diálogo intercultural, a que é dedicada uma mostra em parceria com a associação Renovar a Mouraria.

Num festival com muitos convidados nacionais e internacionais, e um júri que integra cineastas como Leonor Teles e Pedro Cabeleira, a novidade este ano é um projeto-piloto de "recolhas filmadas de histórias e oralidades de Alfama", como se lê no comunicado. A ideia passa por uma vontade de conservar a memória do bairro de uma maneira dinâmica, e incentivar uma lógica de arquivo que permita abordar as questões identitárias desta zona histórica de Lisboa. Os resultados do projeto, ainda em fase inicial, serão exibidos no dia 26.

A "utopia comunitária" do *Cinalfama* faz-se então de diferentes categorias que procuram organizar os filmes por características particulares. Há, por exemplo, o *City in Film Award*, destinado aos filmes em que a cidade é a personagem principal; o *Animalfama*, cinema de animação para adultos; *Micro & No Budget*, com filmes de baixíssimo orçamento; *Best Soundtrack*, a distinguir a banda sonora; Melhor Filme Português e Melhor Filme Alemão, neste caso porque a Alemanha é o país convidado, tendo como representação *Good News* (dia 25, 21.00), as aventuras e desventuras de um jornalista alemão na Tailândia, com assinatura de Hannes Schilling – o realizador estará presente na sessão para trocar ideias com Teresa Althen, do Goethe-Institut.

A mais importante distinção do festival é, claro, o Grande Prémio Cinalfama, para conferir na reta final do programa.

A "utopia comunitária" do *Cinalfama* faz-se então de diferentes categorias que procuram organizar os filmes por características particulares.

PUB

PALAVRAS CRUZADAS

Horizontais: **1.** Confrontar. O membro mais velho ou mais antigo de uma classe ou corporação. **2.** Anteparo para resguardar os olhos da claridade. Sem a noção dos princípios da moral. **3.** Enredo. No meio de. **4.** Falta de progresso. Urdidura. **5.** Soberano. Queixar-se. Zircónio (símbolo químico). **6.** Pegar em. **7.** Empresa Pública. Servir-se de. Aqui está. **8.** Daquele lugar. Relativo à antiga Roma. **9.** Incólume. Pastor. **10.** Fruto do tomateiro. Chila. **11.** Cortar as beiras de. Discursar.

Verticais: **1.** Decidir-se por. Publica. **2.** Porção de um todo. Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa. **3.** Fábrica de louça de barro. Divisa. **4.** Ramosidade. Cozinhar a partir de um refogado. **5.** Comas ou vírgulas dobradas. Base aérea portuguesa. **6.** «De» + «a». Enfeitar com oiro. Érbio (símbolo químico). **7.** Nome da letra M. Planta gramínea. **8.** Em oposição a. Feiticeiro. **9.** Ofício. Insurgir-se. **10.** A parte dianteira do avião. Cheira. **11.** Lubrificar. Relativo ao Sol.

SUDOKU

		5	2			3		9
2				3	4			
	1	4	6			8		7
			8				6	
8	9	2		5				3
	6				9	1		
			4		1	2		6
		6		8				
	4	3	9					1

SOLUÇÕES

6	7	5	2	1	8	3	4	9
2	8	9	7	3	4	6	1	5
3	1	4	6	9	5	8	2	7
5	3	1	8	4	7	9	6	2
8	9	2	1	5	6	4	7	3
4	6	7	3	2	9	1	5	8
9	5	8	4	7	1	2	3	6
1	2	6	5	8	3	7	9	4
7	4	3	9	6	2	5	8	1

Palavras Cruzadas

Horizontais:
1. Opor. Decano. 2. Pala. Amoral. 3. Trama. Entre. 4. Atraso. Teia. 5. Rei. Piar. Zr. 6. Agarrar. 7. EP. Usar. Eis. 8. Dali. Romano. 9. Ileso. Zagal. 10. Tomate. Gila. 11. Aparar. Orar.

Verticais:
1. Optar. Edita. 2. Parte. PALOP. 3. Olaria. Lema. 4. Rama. Guisar. 5. Aspas. Ota. 6. Da. Oirar. Er. 7. Eme. Arroz. 8. Contra. Mago. 9. Arte. Reagir. 10. Nariz. Inala. 11. Olear. Solar.

A outra paixão de Villas-Boas

EXPOSIÇÃO Além do futebol e do FC Porto, André Villas-Boas tem uma outra paixão – esta sobre rodas –, tendo colecionado ao longo dos anos vários carros, motas e peças ligadas ao universo motorizado. Agora, tudo isso está em exposição no Museu do Caramulo.

FOTOS: D.R. / DANIEL PERES

TEXTO **SOFIA FONSECA**

Uma mota BSA que o pai tinha e que chegou a ser dada como perdida, depois de passada de mãos em mãos, aos bocados, dentro de caixotes, é uma das relíquias da exposição *Uma Paixão Sobre Rodas: Coleção André Villas-Boas*, patente no Museu do Caramulo. O título da mostra não engana: aqui estão reunidos automóveis, motos e artigos de automobilia que retratam as vivências e a ligação emocional do presidente do FC Porto ao universo motorizado.

Nessa mota, Villas-Boas e irmãs deram muitos passeios na companhia do pai, o primeiro responsável pela paixão de André Villas-Boas pelas viaturas motorizadas desde que começou a levá-lo ao Autódromo do Estoril. Nunca tinha sido montada, contou o presidente portista numa entrevista antiga ao Museu do Caramulo e ao *Jornal dos Clássicos*. Até que conseguiu localizar as peças, montou a mota e mandou restaurá-la. "Tem um significado emocional muito forte para o meu pai e para mim, e seguramente o meu filho pegará nela e irá usufruir dela", comentou.

Construída ao longo de anos, esta coleção é um retrato desta paixão de Villas-Boas, sendo patente nesta exposição, com curadoria do próprio, as várias vertentes da mesma: há memórias de infância, clássicos desportivos e exemplares de competição. Com duas ou quatro rodas.

Quem for até ao Museu do Caramulo poderá ver o Lamborghini Miura S, o Porsche 911 RS ou o Ferrari F40, mas também a Confederate Fighter ou a Auto Fabrica Type 16.

Ao nível da competição, André Villas-Boas permite-nos ver as motos KTM de Cyril Despres (que foi cinco vezes campeão do Rali Dakar) e Marc Coma (que ganhou outras cinco edições), mas também o Peugeot 3008 DKR Maxi de Stéphane Peterhansel e a KTM RC16 de Miguel Oliveira.

O Toyota Hilux com que o próprio Villas-Boas se aventurou, em 2018, no Dakar, de que teve de desistir na 4.ª etapa na sequência de um acidente, também lá está.

Segundo o museu, "a coleção vai ainda mais além, com a demonstração de uma paixão genuína que surpreende pela variedade de exemplares que passam ainda pelo exótico BAC Mono, pelo vibrante Citroën C3 WRC e pelo possante Ferrari 599 GTB Fiorano, mas igualmente pelo clássico MG Le Mans EX 182 e pelo popular FIAT 500 L".

A exposição inclui ainda um conjunto de artefactos pessoais preservados desde a infância, das miniaturas aos bilhetes de provas, passando pelos capacetes das lendas com quem se cruzou.

"Todas as paixões têm o seu momento de ignição. No caso de André Villas-Boas tudo começou com as idas ao Estoril e à Exponor, num baú de memórias levadas pela mão do seu pai, Filipe, e do seu tio, Pedro Villas-Boas", recorda o museu, realçando que esta é a primeira vez que o agora presidente do FC Porto exibe esta coleção ao vivo. A exposição ficará patente até 20 de outubro.

Esta exposição, com curadoria do próprio André Villas-Boas, é um retrato da paixão do presidente do FC Porto.

O Toyota Hilux com que se aventurou, em 2018, no Dakar.

A KTM RC16 de Miguel Oliveira.

A BSA que era do pai e que conseguiu localizar, montar e restaurar.

A exposição inclui ainda um conjunto de artefactos pessoais preservados desde a infância, das miniaturas aos bilhetes de provas, passando pelos capacetes das lendas com quem se cruzou.

Diario de Noticias

AS RELAÇÕES COMERCIAIS entre Portugal e a Alemanha

O FUNCIONAMENTO DAS CAMARAS

OS COMUNICADOS OFICIAIS

AS CEDULAS CONDENADAS

ESPANHA EM MARROCOS

A INDEPENDENCIA BELGA

O DN DE HÁ CEM ANOS

AS NOTÍCIAS DE 22 DE JULHO DE 1924 PARA LER HOJE

ARQUIVO DN **CRISTINA CAVACO**, **LUÍS MATIAS** E **SARA GUERRA**

DR. ANTONIO JOSÉ DE ALMEIDA

Acentuaram-se ontem um pouco as melhoras do sr. dr. Antonio José de Almeida, que continua recebendo grandes provas de afecto e de carinho.

Na sua residencia foram recebidos ontem muitas cartas e telegramas, fazendo votos pelo seu rapido restabelecimento.

Os srs. drs. Duarte Leite, Trindade Coelho e Alberto de Oliveira enviaram telegramas desejando as melhoras do ilustre tribuno republicano.

A CONFERENCIA DE LONDRES

Portugal obteve duas importantes representações

Na conferencia das nações interaliadas, actualmente reunida em Londres, Portugal obteve representação nas duas comissões que mais lhe interessam. Para a primeira comissão foi escolhido o dr. João Bianchi e para a terceira o dr. Armando Navarro.

A conferencia resolveu que os representantes das pequenas potencias nas diversas comissões representassem não só o seu país mas tambem, os outros três.

UM MONSTRO

Um cortador que vendia carne humana

PARIS, 21.—Noticias telegraficas do Hanover informam que o carniceiro Haardanm, acusado de ter assassinado 17 pessoas, é tambem arguido, juntamente com o seu cumplice Grans, de vender a carne das suas vitimas.—Especial.

Um submarino francês no Tejo

Ontem, pelas 6 horas da tarde, fundeou em frente ao forte de S. Julião da Barra o submarino francês «Haldrawn».

A NOVA CATEDRAL DE LIVERPOOL

foi inaugurada pelos soberanos ingleses

LONDRES, 21.—Embora ainda não completamente concluida, foi inaugurada, em Liverpool, com a assistencia dos soberanos ingleses, a nova catedral, cuja construção tinha sido iniciada há cerca de 20 anos, tendo sido feito o lançamento da primeira pedra por Eduardo VII. A nova catedral, quando terminada, deve ser uma das maiores do mundo, inferior apenas á de São Paulo, em Roma, e á de Sevilha. O transepto foi dedicado á memoria dos que morreram na guerra.

A VOLTA AEREA AO MUNDO

Maclaren inicia uma nova etapa

TOKIO, 21.—O aviador britanico Maclaren partiu ontem da ilha Crup para Paramesbiru.—L.

PELAS COLONIAS

Foi autorizada a abertura de um credito extraordinario, pelo cofre da provincia de Moçambique, na importancia de cinco mil libras, para pagamento do subsidio concedido á Companhia Nacional de Navegação, pelo serviço costeiro na referida provincia no corrente ano economico.

— Partem no dia 1 de agosto proximo para Moçambique o tenente-coronel sr. Sousa e Silva e o capitão sr. Oliveira Pinto, governadores dos distritos de Tete e Moçambique.

— Alguns dos distritos de Moçambique estão atravessando uma crise grave por falta de cambiais, agravada com a recusa dos Bancos em não emitirem saques sobre a metropole e estrangeiro, estando as alfandegas cheias de mercadorias para serem exportadas, as quais não podem sair por falta de cambiais.

— Segundo noticias recebidas do Huambo, sabe-se que já começou a ser edificada a nova igreja na cidade do Huambo, Angola.

Os alunos das escolas indigenas da região trabalham nessa construção gratuitamente e, tendo sido aberta uma subscrição por quotas mensais para fazer face ás despesas da igreja, estão já essas quotas em cinco contos mensais, e todos os que dispõem de transportes fornecem tambem gratuitamente uma carrada de pedra por dia.

A INDEPENDENCIA BELGA

Um grupo de convidados para a festa de ontem na legação da Belgica

VIDA POLITICA

O FUNCIONAMENTO DAS CAMARAS

e a situação do governo em relação com o que vai por S. Bento

A LEI DO INQUILINATO SERÁ BREVEMENTE DISCUTIDA

O Alto Comissariado de Angola — As autoridades administrativas — O que se passou no Conselho de Ministros efectuado ontem

Contra a espectativa dos alviçareiros politicos, não se deu ontem falta de numero na Camara dos Deputados, tendo até a sessão durado muito mais do que o costume, nestes ultimos tempos, pois se prolongou até perto das 9 horas da noite, permitindo assim que se entrasse ainda na segunda parte da ordem do dia, ou seja a discussão dos orçamentos, o que, no parecer dos amigos do governo, deve ser considerado de bom agoiro para êle.

Não pode o facto, evidentemente, significar que, daqui até 15 de agosto, não venha ainda o governo a lutar contra o escolho da falta de numero, tanto mais que já ontem os pedidos de licença choveram na mesa. Tambem é certo que este mal não acarretará consigo apenas o mal maior de não virem a ser aprovados os orçamentos, porque o governo, até certo ponto, poderá remediar este inconveniente com as autorizações especiais que venham a ser-lhe concedidas; mas o governo tem igualmente necessidade de que o Parlamento se pronuncie sobre os importantes problemas das subvenções ao funcionalismo publico, do inquilinato, etc. Assim, pode tornar-se embaraçosa a falta repetida de numero, antes de concluida a discussão das propostas de caracter financeiro em debate nos Deputados e que, uma vez votadas, constituiriam o primeiro passo dado pelo governo para uma vida um tanto desafogada. E as faltas de numero parecem inevitaveis; não só pelas razões apontadas, mas ainda porque, sendo muito diminuta a maioria de que o actual governo, como o anterior, dispõe, basta um pequeno descuido dos parlamentares do bloco, dado o afastamento acentuado dos nacionalistas, para que não seja atingido «quorum».

trar em discussão, conforme ontem declarou o sr. ministro da Justiça.

* * *

Entretanto, como encara o governo a sua situação politico-parlamentar? Supômos não andar longe da verdade dizendo que o governo não teria atribuido a uma falta de numero que ontem se tivesse verificado, qualquer significado politico; e que, pelo contrario, considera o facto de a Camara ter funcionado no dia de ontem como uma indicação favoravel para ele. De resto, na quadra especial que se atravessa, a frequencia da falta de numero não assume a gravidade que teria num periodo legislativo normal. O governo pretende que lhe votem as autorizações de que carece e a que já nos temos referido e especialmente os orçamentos, encontrando-se, porém, na disposição de pedir duodecimos se vir que o termo do periodo legislativo se avizinha sem que tenha nas mãos aquilo que deseja e que lhe faz falta.

Por outro lado, o governo conta com a boa vontade dos seus mais dedicados amigos e auxiliares. Ainda ontem, segundo nos afirmaram, na propria Camara se realizou uma conferencia entre os srs. Rodr[illegible] [illegible]aspar, Vitorino Guimarães e Daniel Rodrigues, tendente a concertar a maneira de facultar ao governo as medidas de que a sua acção carece, incluindo o plano financeiro do anterior governo, após o que o Parlamento adiará os seus trabalhos para novembro. O sr. Antonio Maria da Silva não assistiu á sessão, dizendo-se que, se tivesse comparecido em S. Bento, teria sido tambem convidado a emitir a sua opinião sobre o assunto.

* * *

E' por entenderem que isto carece dum correctivo, que os deputados srs. Manuel Fragoso e Sá Pereira estão, ao que se diz, resolvidos a apresentar um projecto de lei abolindo o direito de opção até agora concedido aos parlamentares que sejam funcionarios do Estado, e obrigando todos, por receberem o mesmo subsidio, ás mesmas obrigações e ás mesmas penalidades parlamentares. E' pouco provavel que este projecto encontre atmosfera favoravel, mas crêmos que a tentativa, nem por isso, deixará de ser feita.

* * *

Falámos acima da lei do inquilinato como sendo um dos problemas que mais preocupam o governo. Podemos acrescentar, esclarecendo o que no nosso extracto parlamentar vai referido sobre o assunto, que o sr. Lourenço Correia Gomes, em nome da comissão de finanças de que é relator, enviou ontem para a mesa o ultimo dos pareceres necessarios á discussão do projecto, que vai ser imediatamente impresso e que está redigido em termos de propôr um artigo novo substituindo o § 2.º do artigo 3.º proposto pela comissão de comercio e industria, e que é dêste teor:

«Artigo novo — Os trespasses de estabelecimentos comerciais e industriais, pela parte correspondente ao valor da chave do estabelecimento, ficam sujeitos ao pagamento de contribuição de registo por titulo oneroso em relação a esse valor nos termos da legislação em vigor.

§ unico — O senhorio do predio onde se efectue o trespasse poderá usar do direito de opção nos termos da legislação geral.»

Concluida a impressão dêste parecer e a dos restantes, o projecto poderá en-

Alto Comissario para Angola ainda não ha. O sr. Paiva Gomes, que alguns amigos seus diziam que só hoje daria uma resposta definitiva, parece que já ontem declinou decididamente o convite que lhe foi dirigido. Fala-se agora nos nomes dos srs. Almeida Ribeiro e Portugal Durão, como volta a falar-se no do sr. Rego Chaves, apesar da carta que esse parlamentar fez inserir nalguns jornais, visto haver quem entenda não serem os impedimentos que nela se referiam, inamoviveis, tanto mais que o seu caracter é de aspecto moral e não de aspecto legal.

Para se ocupar deste assunto, bem como da questão das autoridades administrativas e da atitude assumida, no Senado, para com o governo, pelo sr. Ribeiro de Melo, reune-se hoje, com a assistencia do chefe do governo, que o elucidará sobre o que fôr necessario, o directorio do P. R. P., e se nesta reunião de caracter extraordinario o assunto não ficar liquidado, o seu exame prosseguirá depois de amanhã na reunião ordinaria daquele organismo politico.

Cremos que o criterio adoptado será o do directorio, em harmonia com a lei organica do P. R. P. e com o assentimento do chefe do governo, isto é, que a manutenção ou substituição das autoridades administrativas será determinada pela confiança que necessariamente terão de inspirar ao ministro do Interior e ao partido que ele representa no poder.

O grupo parlamentar democratico deve reunir-se amanhã, em sessão ordinaria, se para isso houver numero suficiente, á hora habitual dessas reuniões.

No Senado prossegue e deve concluir-se hoje o debate sobre a apresentação do governo.

AS CEDULAS CONDENADAS

As novas moedas de 5, 10, 20, 50 centavos e um escudo que brevemente serão postas em circulação

Piastri estreia-se a vencer na Hungria

O australiano Oscar Piastri (McLaren) tornou-se ontem no primeiro piloto nascido no século XXI a vencer uma prova do Mundial de Fórmula 1, ao ganhar o Grande Prémio da Hungria, 13.ª ronda da temporada. O piloto de 23 anos largou da segunda posição e beneficiou de instruções da equipa para cortar a meta na primeira posição, com 2,141 segundos de vantagem sobre o companheiro de equipa, o britânico Lando Norris, e 14,880'' sobre o britânico Lewis Hamilton (Mercedes).

EPA / TAMAS KOVACS

Queixas aumentaram, mas PSP nega mais criminalidade

REAÇÃO Polícia invoca estatísticas das freguesias de Santa Maria Maior, em Lisboa, e de Ramalde, no Porto, contrariando "sentimento de insegurança".

A Polícia de Segurança Pública negou ontem o aumento da criminalidade violenta e grave nas freguesias de Santa Maria Maior, em Lisboa, e de Ramalde, no Porto, após queixas de insegurança por parte dos moradores.

Em nota, a PSP realçou que, segundo a análise dos dados estatísticos que tem, na Freguesia de Ramalde existiu, "de facto, um aumento da criminalidade geral", mas "a criminalidade violenta e grave diminuiu, o que importa sublinhar publicamente".

Por outro lado, na Freguesia de Santa Maria Maior, em Lisboa, "tanto a criminalidade geral como a criminalidade violenta e grave diminuíram, comparando com o período homólogo do ano transato", acrescentou.

A PSP, a autoridade competente para policiamento em Lisboa e no Porto, assegurou que analisa, "diariamente, os indicadores estatísticos na sua área de responsabilidade" para "orientar os seus recursos de acordo com as áreas mais afetadas por determinados tipos de fenómenos criminais".

Na nota, a PSP assegurou ainda que "tem consecutivamente, sempre que possível e com o balanceamento de meios, incrementado o policiamento nas cidades de Lisboa e do Porto, e em concreto nestas duas freguesias".

"É também importante esclarecer que o sentimento de segurança não se obtém exclusivamente com mais polícias na rua, sabendo-se que a presença sistemática de policiamento ostensivo pode ser avaliado, em termos de sentimento de segurança, de forma contrária - se há polícia é porque há insegurança", considerou.

A PSP defendeu ainda que "é também importante detetar, analisar e intervir junto de diferentes problemas socioculturais e económicos existentes nestes e noutros territórios, procurando responder de forma integrada e permanente nas diferentes fragilidades locais", realçando que contam "com o apoio de todas as entidades com responsabilidade" nestas matérias.

Os presidentes das câmaras de Lisboa e Porto, Carlos Moedas e Rui Moreira, têm pedido, nos últimos dias, mais meios de vigilância (agentes, no caso da capital, e câmaras na *Invicta*).

DN/LUSA

BREVES

Maiorca sai à rua para se manifestar contra turismo

Cerca de 12 mil pessoas saíram às ruas de Palma, em Maiorca, ontem, para uma manifestação em massa contra o excesso de turismo, exigindo mudanças num modelo turístico que dizem estar a prejudicar a ilha espanhola do Mediterrâneo. Sob o lema "Vamos mudar o rumo e estabelecer limites ao turismo", os manifestantes formaram um mar de bandeiras e estandartes de cores vivas enquanto avançavam pelas ruas mais visitadas da cidade, no mais recente de uma onda de protestos antiturismo em massa em Espanha. "O vosso luxo, a nossa miséria", dizia um cartaz, enquanto outro dizia: "Isto não é turismofobia, são números: 1 232 014 residentes, 18 milhões de turistas".
Os protestos foram convocados por cerca de 80 organizações e grupos sociais que pretendem que sejam impostos limites ao "turismo excessivo" nas Ilhas Baleares, cujas três ilhas principais são Maiorca, Menorca e Ibiza. Estes ativistas dizem que o atual modelo de turismo levou os serviços públicos ao limite, prejudica os recursos naturais e torna o acesso local à habitação cada vez mais difícil.

Netanyahu retoma negociações de tréguas

O primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, anunciou ontem, um dia antes de viajar para Washington, nos EUA, que uma delegação retomará as negociações de tréguas com o grupo islamita Hamas. O anúncio aconteceu quando milhares de israelitas cercavam o Aeroporto Ben Gurion, em Telavive, para exigir que Netanyahu não viajasse antes de fazer um acordo de tréguas que permita a libertação dos 116 reféns, dos quais pelo menos 42 já morreram. "Não há acordo? Não há voo!", lia-se nas faixas que os manifestantes colocaram nas portas do terminal aéreo. Enquanto isso, Netanyahu mantinha "uma discussão aprofundada sobre a questão dos reféns com a equipa de negociação e altos-funcionários de segurança", ordenando que uma delegação estivesse pronta para viajar na quinta-feira, adiantou o seu gabinete.
No sábado à noite, noutra manifestação em Telavive, o ex-embaixador dos EUA em Israel, Thomas Nides, pediu a Netanyahu que manifestasse apoio à proposta de acordo feita em maio pelo presidente dos EUA, Joe Biden.

Conselho de Administração - Marco Galinha (Presidente), Kevin King Lun Ho, António Mendes Ferreira, Victor Santos Menezes, Vitor Coutinho, Diogo Queiroz de Andrade, Rui Costa Rodrigues, José Pedro Soeiro **Direção interina** Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Data Protection Officer** António Santos **Propriedade** Global Notícias Media Group, SA; Matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Almada. Capital social: 9 309 016,95 euros. NIPC: 502535369. Proprietário e editor: Rua Gonçalo Cristóvão,195-219 – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100. Fax: 222 096 200 Redação: Rua Tomás da Fonseca, Torre E, 3.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 501 **Marketing e Comunicação** Carla Ascenção **Direção Comercial** Pedro Veiga Fernandes **Detentores de 5% ou mais do capital da empresa:** Páginas Civilizadas, Lda. – 41,51%, KNJ Global Holdings Limited – 29,35%, José Pedro Carvalho Reis Soeiro – 20,40%, Grandes Notícias, Lda. – 8,74% **Impressão** Gráfica Funchalense (Rua da Capela da Nossa Senhora da Conceição, 50, Morelena – 2715-029 Pero Pinheiro); Naveprinter (EN, 14 (km 7,05) – Lugar da Pinta, 4471-909 Maia) **Distribuição** VASP; Registado na ERC com o n.º 101326. **Depósito legal** 121 052/98 **Assinaturas** 219249999 Dias uteis das 8h às 18h E.mail: apoiocliente@dn.pt